

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LETRAS**

IRACEMA MARIA DA TRINDADE HIDASI

**A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO
SOB O SIGNO DO MITO EM *LIRISMO RURAL***

GOIÂNIA

2018

IRACEMA MARIA DA TRINDADE HIDASI

**A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO
SOB O SIGNO DO MITO EM *LIRISMO RURAL***

Trabalho apresentado ao curso de Mestrado em Letras - Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Gonçalves Lima

GOIÂNIA

2018

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

H632c Hidasi, Iracema Maria da Trindade
A construção do imaginário sob o signo do mito em
Lirismo rural [recurso eletrônico] / Iracema Maria
da Trindade Hidasi.-- 2018.
98 f.: il.

Texto em português com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu
em Letras, Goiânia, 2018
Inclui referências. f. 82-87

1. Teles, Gilberto Mendonça, 1931 - Lirismo rural
: o sereno no Cerrado - Crítica e interpretação. 2.
Literatura goiana - História e crítica. 3. Ecocrítica
- Cerrados. I.Lima, Maria de Fátima Gonçalves. II.Pontifícia
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-1.09

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOB O SIGNO DO MITO EM LIRISMO RURAL

Dissertação aprovada em 12 de dezembro de 2018, no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

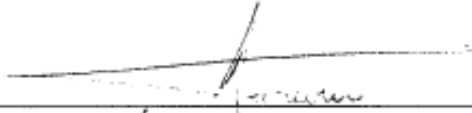
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria de Fátima Gonçalves Lima
PUC Goiás / Presidente



Prof. Dr. Wolney Alfredo Arruda Unes
UFG / Examinador Externo



Prof. Dr. Átila Silva Arruda Teixeira
PUC Goiás / Examinador Interno

Prof. Dr. Divino José Pinto
PUC Goiás / Examinador Interno Suplente

Profa. Dra. Elizete Albina Ferreira
ALFA / Examinadora Externa Suplente

Dedico esse trabalho a Deus – meu maior Mestre. À minha família - meu farol que me guia e o motor que me propule. Com saudades: A meu esposo José Hidasí Filho, a meu pai Joaquim Sebastião da Trindade, à minha mãe Maria Cândida da Trindade, aos meus irmãos Francisco Elias Trindade e Eni das Graças Trindade, à minha sobrinha Ana Beatriz Trindade Avelar, aos meus avós e aos parentes que não mais estão aqui, especialmente ao amigo de longa data Gilberto Alves Marinho e a todos aqueles que, se não foram citados, jamais serão esquecidos.

Em especial, meu eterno agradecimento ao amigo poeta Gilberto Mendonça Teles.

AGRADECIMENTOS

Em meio a tantos a quem devo agradecer por esta conquista, iniciarei agradecendo a Deus, que é o grande responsável pela busca e realização deste sonho, trilhando um caminho novo, até então desconhecido, que só tem me proporcionado alegrias e realizações.

Aos meus filhos, Jhoel e Bárbara, razões de todas as minhas escolhas e decisões. Grandes responsáveis por esta vitória, a quem devo a graça de ter alcançado a felicidade verdadeira. À Anne e ao Rodrigo parceiros dos meus filhotes, dignos de minha eterna gratidão.

À minha mãe (*In Memoriam*), que me deu apoio e amor incondicionais e despertou meu imaginário de infância, pelas preocupações com a minha formação pessoal e acadêmica, sempre com devoção. Só depois de também ser mãe pude compreender essas ações em sua plenitude. Sinto-me feliz em orgulhá-la com mais esta realização, onde quer que esteja.

Ao meu pai (*In Memoriam*), que sempre me apontou a leitura do mundo, a curiosidade e a busca do conhecimento como os únicos caminhos viáveis para a construção de uma vida mais humana, rica e plena.

Ao José Hidasi Filho, esposo (*In Memoriam*) por todos os 26 anos de convivência e apoio intelectual, que com incentivos e exemplo de estudioso, fez-me acreditar que era possível chegar. Sei que agora seriam tempos de orgulho para você. Obrigada por tudo, meu anjo!

Aos meus irmãos, Eni (*In Memoriam*), Marli, Ana Maria, José Geraldo, Cecília, Maria da Glória, Pedro, Joaquim, Francisco (*In Memoriam*), Israel e Athos Marcos pelo amor fraterno e pela certeza de estarem sempre ao meu lado, quando e onde eu precisar.

Aos meus cunhados Dr^o Ardiley Avelar, Tarciso Lopes e às minhas cunhadas, Simone Moreira, Jaqueline Rodrigues, pela escolha de fazer parte da minha família. Muita gratidão!

Ao Dr. Israel Trindade, Pró-Reitor Adjunto de Graduação da UFG, que mesmo em tempos corridos apresentou sua contribuição. Grande conhecedor dos esconderijos secretos da língua portuguesa e que muito colaborou para a eficiência deste trabalho.

Aos meus sobrinhos, Eduarda Sophia, Vitória Alice, Maria Vitória, Larissa Emmanuelle, Ana Beatriz, Benjamim Henrique e Elias Inácio, futuro de nossas histórias, a quem eu delego a imaginação e narrativas de minha mãe e exemplo de justiça do meu pai.

Ao Prof. Dr. Gilberto Alves Marinho (*In Memoriam*), amigo filósofo, que muito me apoiou na trajetória do mestrado com livros, materiais e bons ensinamentos.

Agradeço imensamente à professora Dr^a Maria de Fátima Gonçalves Lima, marco em minha formação acadêmica, pela lição de vida provada a cada dia de nossa convivência, pelo símbolo de profissionalismo e competência, por ter demonstrado tanto respeito, carinho,

amizade, incentivo e confiança em meu trabalho e, fundamentalmente, por ter me ensinado o valor e a importância desta extraordinária linha de pesquisa e com quem pude entender o imaginário. Fostes uma guia, uma enorme luz de saída, na qual eu pude me agarrar todas as vezes em que a caverna parecia muito escura e o medo de trilhá-la sozinha paralisava as minhas ações. Sem você, certamente, eu não estaria aqui agora.

Com muito carinho, agradeço ao Professor Dr. Gilberto Mendonça Teles, a quem agradeço por ter tido a sorte de conhecer, o que já foi para mim uma honra. E, como tudo o que acontece na minha vida, superou imensamente minhas expectativas iniciais (que em geral já são boas), fui contemplada com a oportunidade de ser sua fadinha e fazer parte da sua eterna poesia. Agradeço pelas direções oferecidas, pelos ensinamentos, pelas oportunidades de desenvolvimento propiciadas e, principalmente, pelo exemplo de pessoa e profissional que, certamente, me guiará a cada dia mais nesta nova etapa da minha vida de trabalho.

À Prof.^a Dr.^a Catherine Dumas que muito mais do que uma amiga e coorientadora, tornou-se fundamental por, dentre outras coisas, ter sido a ponte que me ligou à obra de Gilberto Mendonça Teles. Por isso e tudo mais, agradeço imensamente pela parceria, nesses dois anos, bem como pelas oportunidades a mim ofertadas. Obrigada pela cumplicidade, pelos ensinamentos e pelo exemplo, demonstrando, que se pode fazer sempre melhor, bastando apenas calma, cuidado, persistência, foco e perseverança no que propomos realizar.

Aos colegas e amigos do mestrado, em especial aos do Núcleo de Pesquisa, à Jussira Moema pela chave que abriu a primeira porta rumo à magia do mundo da Crítica Literária. Às amigas Rosali, Késia, Rosângela, Elisabete, Alessandra, Wanice e ao amigo Marcos, bem como a todos os colegas de estudos pelos momentos e trabalhos compartilhados e que me fizeram sentir parte dessa equipe.

À Marlene, minha velha amiga, grande parceira de sempre, pelos cuidados e presença no decorrer de minha vida familiar e por permitir que meus filhos sentissem menos a minha falta em diversos momentos de dedicação a este projeto pessoal.

A todos os professores e funcionários do MLET, em especial, à minha mais nova amiga, Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida, a quem admiro muito, por ter sido uma grande parceira nestes dois anos, obrigada pela ajuda, pela cumplicidade, pelos ensinamentos e pelo exemplo de que se pode fazer sempre melhor. Ao Prof. Dr. Divino, grande amigo de longa data, pela parceira, incentivo e exemplo, bem como pelo apoio, confiança e contribuição em todas as fases desta minha nova trajetória.

Por fim, mas não menos importante, meus sinceros agradecimentos aos professores Doutores Divino José Pinto e Átila Silva Arruda Teixeira, pelas enormes contribuições

fornecidas em minha qualificação. E, um obrigado especial à Professora Dr^a Milca Severino, por toda a confiança depositada em mim e em meus trabalhos ao longo deste caminhar.

A POESIA II

*Tenho comigo um turbilhão de amor, o
trecalar de perfumosa essência, os ternos
sons de musical cadência e a vida imersa
num feliz ardor!*

*Tenho comigo a carinhosa ardência, o
palpitar de um ideal em flor;
um misto ingrato de prazer e dor triste
conjunto de imortal demência.*

*Eu tenho na alma a voz do inexplicável: a
tempestade em meio a calmaria, o silêncio
no grito inevitável.*

*Às vezes, tenho na alma a nostalgia de algo
invisível, o frisson do inefável que não deixa
de ser também poesia.*

RESUMO

O crítico literário enfrenta o desafio de eternizar a obra poética. Uma proposta para tal iniciativa é analisar as relações tecidas entre a literatura poética e o meio ambiente, numa perspectiva da teoria ecocrítica, observando, sobretudo, as relações do homem consigo mesmo e com a natureza. O interesse na ecocrítica justifica-se, devido à mudança de perspectiva das investigações do homocentrismo para o ecocentrismo, fazendo, assim, com que o foco principal da atenção seja efetivamente a obra e suas relações com o objeto representado. Nesse contexto, analisamos ecocriticamente a obra *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, conectando-a ao Cerrado brasileiro, na perspectiva de revelar seus mitos poéticos, a essência criadora do imaginário da humanidade. Dessa forma, observamos nos poemas dessa obra, que a produção poética se revela preocupada com os problemas ecológicos-evolutivos que afligem a humanidade, em virtude das agressões humanas a que tem sido submetido o Cerrado no decorrer das últimas décadas, em face da corrida pelo desenvolvimento econômico sem o devido planejamento sustentável. Sem culpar a natureza ou mesmo a humanidade pelos desastres ambientais, o poeta atribui ao homem a responsabilidade pela vida no Cerrado. *Lirismo Rural* apresenta características únicas, na visão prioritariamente egocêntrica do poeta. Sem construir ou mesmo expressar juízo de valor, a obra constrói e reconstrói os mitos poéticos que o povo cerradeiro utiliza para desvendar, ensinar e aprender sobre o funcionamento ecológico-evolutivo e sociocultural desse bioma. Dessa forma, a obra é eternizada na realidade do Cerrado e esse é eternizado nos mitos poéticos construtores do imaginário coletivo presente na obra, o que a torna fundamental no processo de construção humana para conservar e preservar esse bioma brasileiro.

Palavras-chave: Poesia. Cerrado. Ecologia. Homocentrismo. Ecocentrismo.

ABSTRACT

The literary critic faces the challenge of eternalizing the poetic work. A proposal for such initiative is to analyze the relations weaved between the poetic literature and the environment, in a perspective of ecocritical's theory, observing, above all, the man's relations with himself and with nature. The interest in ecocritics is justified due to the shift in perspective of the investigations, from homocentrism to ecocentrism, thus making the main focus of attention effectively be the work and its relations with the represented object. In this context, we've analyzed ecocritically Gilberto Mendonça Teles' work, *Rural Lyricism*, connecting it to the Brazilian Cerrado, in the perspective of revealing its poetic myths, the creative essence of mankind's imaginary. Therefore, we've seen in this work's poems that the poetic production is concerned with ecological-evolutionary problems that afflict mankind, due to human aggressions that Cerrado has been undergone over the last decades, due to the race for economic development without sustainable planning. Without blaming nature or even mankind for environmental disasters, the poet attributes to man the responsibility for life in Cerrado. *Rural Lyricism* presents unique characteristics, in the poet's mainly ecocentric vision. Without making or even expressing value judgment, the work constructs and reconstructs the poetic myths that the cerrado people uses to unravel, teach and learn about the ecological-evolutionary and sociocultural functioning of this biome. In this way, the work is eternalized in the Cerrado's reality and Cerrado is eternalized in the poetic myths that constructs the collective imaginaries present in the work. Which makes it fundamental in the process of human's construction to conserve and preserve this Brazilian biome.

Keywords: Poetry. Cerrado. Ecology. Homocentrism. Ecocentrismo.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.	Pau-Terra – Árvore do Cerrado.....	43
FIGURA 2.	O poeta.....	88
FIGURA 3.	Cerrado Típico (Sentido Restrito)	88
FIGURA 4.	Campo Sujo.....	89
FIGURA 5.	Cerradão.....	89
FIGURA 6.	Cerrado Rupestre.....	90
FIGURA 7.	Vereda.....	90
FIGURA 8.	Mata Riparia.....	91
FIGURA 9.	Cerrado de Mata Seca.....	91

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
1. O IMAGINÁRIO E O MITO EM <i>LIRISMO RURAL</i>.....	16
1.1. CAMINHOS DO IMAGINÁRIO: CONCEITO, HISTÓRICO E PRINCIPAIS TEÓRICOS.....	17
1.1.1. O <i>LIRISMO RURAL</i> de GMT na construção do imaginário.....	19
1.2. CAMINHOS DO MITO: CONCEITO, HISTÓRICO E PRINCIPAIS TEÓRICOS.....	21
1.2.1. Representação e construção dos Mitos em <i>LIRISMO RURAL</i>.....	24
2. A ECOCRÍTICA E O CERRADO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO EM <i>LIRISMO RURAL</i>.....	28
2.1. CAMINHOS DA ECOCRÍTICA: CONCEITO, HISTÓRICO E PRINCIPAIS TEÓRICOS.....	29
2.2. O CERRADO: BIOMA, ARTE E VIDA.....	31
2.2.1. Cerrado: traçado histórico-científico, sociocultural e poético.....	31
2.2.1.1. Visão científica do Cerrado.....	32
2.2.1.2. Visão sociocultural do Cerrado.....	34
2.2.1.3. Visão Poética do Cerrado.....	37
3. A ECOCRÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO: INTERLIGANDO <i>LIRISMO RURAL</i> E CERRADO POR MEIO DO MITO.....	40
3.1. O ESCRITOR GMT.....	40
3.2. AS OBRAS DE GMT.....	41
3.3. ANÁLISE ECOCRÍTICA DE <i>LIRISMO RURAL</i>	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXOS.....	88

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A expansão da população humana e a intensificação do uso da terra para o agronegócio no Cerrado brasileiro têm levado à destruição de *habitat*, com o conseqüente aumento na taxa de extinção de espécies presentes nesse bioma o que tem modificado tanto a identidade como o número das espécies. Diante da atual crise da biodiversidade do Cerrado, torna-se fundamental compreender a realidade dos processos ecológicos-evolutivos que estruturaram esse bioma e que hoje o governam. É nesse contexto, do mundo real, que se torna fundamental entender a contribuição que obras poéticas como *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles (GMT, Fig. 02), fornecem para a construção do imaginário da humanidade.

A interação do homem com a realidade não é recente. Desde tempos remotos, ele tem exercido uma faculdade que lhe é própria, a de dar sentido ao mundo em que vive. E para tal, além da compreensão dos fatos naturais que acontecem em nosso cotidiano, agimos transformando o mundo que nos cerca e nem sempre essas transformações do mundo natural podem ser explicadas pela utilidade das coisas modificadas. A mente humana exerce como funções a razão e a imaginação. A razão é fundamental para analisar os fatos, compreender as relações existentes entre eles, mas não consegue criar significado. Sendo assim, o ato de imaginar é a faculdade mental com a capacidade de criação, característica única presente nos seres humanos:

Meu mundo tem raízes
Além da realidade
Melhor dizer, aquém
Da própria realidade
Ou dentro dela mesma
No que ela tem de puro,
De triste, de tão sujo
Que nela se mistura
E se torna o sinal
Da antiga transparência
Daquilo que se sabe
Ser leve como a vida.
Ou seja, a própria vida é breve
E por ser breve em nada
Perturba a cor do tempo
Na sua eternidade.

Assim, meu mundo é mundo
Com suas coisas todas.
Imagens retorcidas
Nas contrações do olhar
Que as reduz à distância
Do mais puro silêncio.

(GMT, 1978, pp. 216-217)

Nos poemas *de Lirismo Rural* pode ser verificado que o artista da palavra, Gilberto Mendonça Teles, constrói a partir do mundo poético imaginário que perpassa a realidade percebida pelos sentidos humanos, unindo, assim, as realidades sensível e insensível. É nesse contexto que se deve destacar a importância do mito poético na construção do imaginário e desse na construção dos mais diferentes mundos possíveis e impossíveis. Assim como (anteriormente) defendido por Gaston Bachelard (1978a; 1978b) e por Michel Maffesoli (1998), não se trata de nenhuma apologia ao irracional. E tampouco seria o racionalismo dos iluministas. O que propomos, então, é algo mais próximo da ideia do uso do mito nas análises críticas-literárias como uma “ferramenta” da razão sensível, conforme proposto por Ferreira Santos (2005) e Ortiz-Osés (1995). Sendo assim, proporemos a busca dos mitos na obra poética para a construção do imaginário, a partir da articulação do coração (o sentimento e a sensibilidade) com a razão (sua expressão reflexiva) e, nesse sentido, desvendar o mito poético seria a busca de uma razão sensível, indo ao encontro do racionalismo poético.

Para entender a importância do imaginário na arquitetura do mundo sensível, pense na possibilidade de abrir a fechadura de uma porta trancada somente com a mão, tempos atrás. Tudo se tornou muito mais fácil, graças à capacidade imaginativa e da ação de verdadeiros gênios criativos que inventaram a chave. Dessa forma, a partir do imaginário do homem, sua capacidade criativa multiplicou-se. A imaginação humana possibilitou que máquinas muito mais pesadas que os ares pudessem voar no espaço e permitiu aos seres humanos enxergarem algo invisível como o átomo e suas subdivisões, ao mesmo tempo em que nos permitiu observar e analisar corpos celestes a milhares e milhares de quilômetros daqui. Como vemos, passo a passo, o imaginário humano tem conduzido a humanidade a viver seus sonhos, outrora impossível até de imaginar. Em suma, tudo o que vemos criado pela humanidade, primeiro existiu na imaginação de homens ou mulheres, antes de se tornar realidade.

Num passado distante, antes do advento da ciência como conhecemos hoje, esse processo de construção do conhecimento teve seu preço. Naquela época, o mundo estava cheio de coisas aterrorizantes e desconhecidas, tais como doenças, desastres, líderes tiranos e o próprio mistério da morte. O que os homens não podiam compreender, utilizavam do imaginário e criavam explicações através dos mitos e espíritos, para dar sentido aos seus mundos. Na atualidade, o conhecimento científico, por meio da razão, deu luz àquela escuridão, e o que outrora era misterioso e proibido tornou-se familiar e confortável.

A má compreensão dessa “luz” tem seu preço, pois tem levado à incompreensão do real papel do mito na construção do imaginário, direcionando a humanidade para uma outra forma de escuridão, a da banalidade da compreensão de como o real relaciona-se com o imaginário.

Logo, para escapar da escuridão causada por essa “má compreensão”, torna-se necessária a utilização da poesia para demonstrar esse processo de criação e elucidação. Para tal, utilizamos a ecocrítica, em *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, não no sentido poético restrito, a arte de fazer obras em versos, mas em seu sentido *lato*, tudo o que há de elevado e tocante numa obra de arte, ou até mesmo numa produção natural. Portanto, nesse processo de criação, a poesia, em geral, e a obra de Gilberto Mendonça Teles em específico, tornam-se fundamentais, não somente pela arte presente na obra, mas principalmente por representar ali, diversas ideias mitológicas poéticas universais e atemporais a respeito do funcionamento e da importância do Cerrado brasileiro.

Em *Lirismo Rural*, de forma intrigante, o eu-lírico gilbertino não constrói liricamente apenas o que acontece no Cerrado brasileiro, mas, sim esconde e vislumbra, ao mesmo tempo, o que poderia ter acontecido, o que está acontecendo e o que poderá acontecer tornando-se, assim, uma obra de altíssimo valor para a análise literária, em geral, e para a ecocrítica, em particular.

Em tempos de diversas problemáticas de cunho ecológico-social, a ecocrítica vislumbra como importante ferramenta da crítica literárias, por apresentar, em si, o potencial de criar no imaginário social, mecanismos de proteção e preservação desse bioma brasileiro, elucidando as mais diferentes questões de interesse de toda a humanidade.

O presente estudo utiliza-se da obra poética de Gilberto Mendonça Teles, *Lirismo Rural*, que tem como subtítulo “O Sereno do Cerrado”, segundo seus meios, o objeto e o modo, com o propósito de analisar ecocriticamente a produção poética em si mesma e demonstrar a conquista do belo poético da presente obra, bem como seu potencial para a construção do imaginário ecocrítico individual e coletivo. Propomos, ainda, uma reflexão sobre o papel do mito, como ferramenta fundamental para as análises críticas da poética, na construção do imaginário. E, também, apresentamos a importância da poesia, no geral, e da presente obra de GMT, em particular, para a construção desse imaginário, e para o conhecimento, a conservação e a preservação do Cerrado Brasileiro, para as gerações atuais e futuras. Dessa forma, a pesquisa justifica-se, também, ao corroborar para a valorização dos estudos críticos-literários-linguísticos acerca da arte poética regional goiana, fruto do trabalho do autor, poeta de característica única e de renome nacional e internacional. Para tal, fundados na artimanha e arguciosidade da obra

poética *Lirismo Rural*, O Sereno do Cerrado, estamos convictos que essa ecocrítica contribuirá para a manutenção da vida no Cerrado e no apreço e na divulgação das práticas culturais.

Sendo assim, analisar ecocriticamente a obra *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, é mais que pesquisar o trabalho desse poeta criador, completamente aclimatado à semântica criativa do Cerrado. É, acima de tudo, investigar como o espírito de goianidade entra em diálogo com o mundo, através da mente criativa do poeta. Portanto, analisar ecocriticamente essa obra poética é, nessa perspectiva, mergulhar na arte da poesia e divagar no imaginário criador do poeta e, assim, entender seu ato criador, sua composição, a forma de desenhar o mundo, que encanta. Dessa forma, compreender-se-á o passo a passo de suas técnicas e metodologias na arte da composição poética.

A compreensão que se obtém, a partir deste estudo, é a de que a ecocrítica literária poética inscreve-se como uma necessidade inerente ao ser humano e, neste caso específico, funciona como mecanismo para despertar a consciência adormecida em matéria ecológica.

Nesse contexto, este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro, comentamos a respeito do imaginário, explicando seus conceitos e seu histórico, descrevendo-o e contextualizando-o na obra *Lirismo Rural*.

No segundo capítulo, percorremos a historicidade do mito, bem como as suas temáticas, tendo como foco sua importância para o imaginário e para conectar a obra poética *Lirismo Rural* ao Cerrado brasileiro. Comentamos a respeito da teoria ecocrítica, a partir de uma contextualização em torno de sua origem como crítica literária. Além disso, explicitamos algumas formas de se analisar um texto poético sob essa perspectiva, utilizando como objeto de estudo a obra poética *Lirismo Rural* e o Cerrado brasileiro. E, ainda, caracterizamos esse bioma, por ser o objeto de estudo representado na obra do autor, demonstrando suas peculiaridades e particularidades ecológicas-evolutivas e socioculturais.

Já no terceiro capítulo, apresentamos o autor e suas obras poéticas, bem como realizamos a análise ecocrítica da obra *Lirismo Rural*, a partir da importância dos mitos poéticos para a construção do imaginário do povo cerradeiro, focando na sua importância para a conservação e preservação do Cerrado.

Por fim e com igual relevância, tecemos considerações em torno da relação entre *Lirismo Rural*, a partir da visão ecológica em seus poemas, e a realidade do Cerrado, para então, agregarmos valor à discussão em torno da temática ambiental na literatura poética popular.

1. O IMAGINÁRIO E O MITO EM *LIRISMO RURAL*

O presente capítulo propõe desenvolver a categoria teórica do imaginário para, posteriormente, aplicá-la à análise ecocrítica, através da obra poética *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles. Apresentaremos a noção de imaginário com o embasamento teórico de Durand (1998; 1997), retratando-o no Ocidente, destacando sua história e sua importância para a análise ecocrítica de *Lirismo Rural*. Demonstraremos, assim, a contribuição de alguns teóricos do assunto para a evolução do tema. Utilizaremos, ainda, as ideias apresentadas nos trabalhos de Maffesoli (2001; 1988; 1984) para auxiliar no entendimento do imaginário individual e coletivo.

A ideia de imaginário virou moda após entrar na linguagem cotidiana. Hoje, todos a utilizam. Porém, poucos têm uma compreensão clara do que realmente significa o imaginário em uma análise ecocrítica de uma obra poética. Em geral, opõe-se o imaginário ao real, ao verdadeiro. Nesse sentido, o imaginário seria algo como uma ficção, sem consistência ou realidade, completamente desconexo da realidade ecológica-evolutiva, econômica, política ou social, por ser tal realidade palpável e tangível.

Propomos, no presente trabalho, demonstrar que a ideia de mito poético e imaginário, na obra em estudo é diametralmente o oposto, pois é, justamente a partir deles, que a realidade tangível é compreendida e até mesmo modificada, construída e reconstruída, apresentando-se, assim, como ferramentas fundamentais para a compreensão da manifestação do mundo vivido no dia a dia.

Para essa categoria teórica, que mostra as construções mentais e discursivas como a mais poderosa e eficaz ferramenta humana em relação à representação e à construção do concreto, analisamos os estudos de Gilbert Durand, referentes às dimensões e significações do imaginário, ao estabelecer esse como o conjunto das atitudes imaginativas que resultam na produção e reprodução de símbolos, imagens, arquétipos e mitos pelo ser humano. E Michel Maffesoli auxiliará no entendimento do imaginário coletivo e individual como prática construtiva do imaginário da humanidade.

1.1. CAMINHOS DO IMAGINÁRIO: CONCEITO, HISTÓRICO E PRINCIPAIS TEÓRICOS

Todos aqueles que se iniciaram de maneira antropológica, isto é, a um só tempo com humildade científica e largueza de horizonte poético, sobre o campo do imaginário, estão de acordo em reconhecer a imaginação, em todas as suas manifestações: religiosas e místicas, literárias e estéticas, este poder realmente metafísico de erguer suas obras contra o “apodrecimento” da Morte e do Destino (Gilbert Durand).

As relações entre o imaginário e o real revelam a complexidade da condição humana. Historicamente, identificamos que a crítica do imaginário foi sistematizada por Gilbert Durand, embasado nos trabalhos de pensadores da primeira metade do século XX, que estavam interessados em cultura, religião e etnografia como possibilidades de compreender o homem, não em sua plenitude e concretude, mas pelo viés da espiritualidade. Durand resgata a ideia da importância da imagem na construção do imaginário humano, definindo que antes da mesma, o homem estabelece o *schème*, que corresponde a uma tendência geral dos gestos, levando em conta as emoções e as afeições, juntando, assim, os gestos inconscientes e as representações.

As ideias de Durand foram influenciadas pelos estudos dos arquétipos JUNG (1875; 1961; 1996; 2008), que são as representações dos *schèmes*, sendo as primeiras imagens, de caráter coletivo e inatos, o estado inicial, ou seja, a zona onde nascem as ideias. Pelos conceitos de homem religioso de Mircea Eliade, bem como pelas reflexões sobre imaginação dinâmica de Gaston Bachelard. Durand, vê na forma simbólica da obra de arte, tal como a poesia de Gilberto Mendonça Teles em análise, uma das possibilidades para o homem sobrepor-se ao tempo. Dessa forma, Durand, ao organizar seus pensamentos, chega à crítica do imaginário, pautado pelos estudos dos *schèmes*, das imagens, dos arquétipos, dos símbolos e dos mitos.

Os símbolos, para Durand, são todos os signos concretos evocados. Algo que, a princípio, está ausente ou mesmo de impossível percepção. Nesse sentido, os símbolos são uma representação que dá aparência a um sentido concreto, sendo visíveis nos rituais, nos mitos, na poesia etc. Já o mito se apresenta sob forma de “história”, sendo, portanto, um sistema dinâmico de *schèmes*, símbolos e arquétipos, por consequência também de imagens, que tende a se compor em relatos. Dessa forma, a imagem recupera seu *status*, passado a ser o ponto central para as análises estéticas, libertando a arte dos serviços antes prestados à religião e à política (DURAND, 1989, p. 32).

Durand desenvolve, ainda, a ideia de que, frente à angustiante consciência da morte e do devir, o homem adota atitudes imaginativas que buscam negar e superar esse destino

inevitável ou transformar e inverter seus significados para algo reconfortante. Essas atitudes imaginativas resultam na percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, arquétipos e mitos pelo ser humano. Esse conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, cuja principal função seria levar o homem a um equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade e, conseqüentemente, da finitude.

Nas ideias de Durand, a imagem é passível de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável. Sendo, portanto, a imagem incapaz de permanecer bloqueada no enunciado claro de um silogismo, ele propõe uma realidade velada opondo-se à lógica aristotélica, que exige clareza e diferença (DURAND, 1998, p. 10), característica da dualidade. Legros (2007) alerta que a imaginação e o imaginário possuem diferenças, sendo a primeira a representação e, o segundo, o ato. Devido a essa distinção, faz-se a teoria paradoxal defendida por Durand (1998), na qual o imaginário não se separa do simbólico, pois os mesmos estão relacionados na forma de complementação (LEGROS et al, 2007, p. 107). Sendo assim, o pensamento Aristotélico que acreditava que seria através da lógica que se chegaria à verdade começa a ruir, pois há, aí, uma forma mais complexa de pensar. Sendo composta por imagens, a imaginação, em raras exceções, poderia ser reduzida ao raciocínio binário.

Maffesoli (2001; 1988; 1984), herdeiro intelectual de Gilbert Durand (1998; 1997), disse:

A notável expansão do vivido convida a um conhecimento plural, e em que a análise disjuntiva, as técnicas de segmentação e o apriorismo conceitual devem ceder lugar a uma fenomenologia complexa, que saiba integrar a participação, a descrição, as histórias de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos (MAFFESOLI, 1988, p. 244).

Sendo assim, Maffesoli (1988) propõe a quebra da linearidade do tempo, introduzindo o mito e o fantástico no vivido coletivo, sempre em uma dinâmica fundada sobre o imaginário. Além disso, Maffesoli (2001) defendia que o imaginário é algo que parte do coletivo, ultrapassando o individual: “pode-se falar em ‘meu’ ou ‘teu’ imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o ‘seu’ imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido” (MAFFESOLI, 2001, p. 76). Assim, Maffesoli desmistifica a ideia de imaginário unicamente individual de Durand. Para ele, o imaginário individual pouco ou mesmo nada contribui para a construção do imaginário da humanidade e, no fundo, é esse que importa, pois é ele que realmente não encontra suas raízes na temporalidade.

Percebemos, assim, que, se para Durand, o estudo das imagens possibilita o trânsito pelo trajeto antropológico do poeta e o contato com seu imaginário, vislumbramos, então, que esse concede ao leitor a inserção na criação poética. E, para Maffesoli, a construção desse imaginário ocorre coletivamente. Para nós, há um imbricamento de *schèmes*, arquétipos, imagens e símbolos que se misturam com experiências pessoais e com situações histórico-sociais vividas, tanto do poeta como por meio das releituras poéticas e é, justamente, esse corpo coeso que constitui os mitos poéticos, portanto, são suas buscas a grande riqueza das análises críticas e literárias de um poema.

Nesse contexto, *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles (GMT), apresenta todos os elementos necessários para demonstrar o potencial da crítica literária, aqui abordada em sua forma ecocrítica, para a modificação, a construção e, até mesmo, a reconstrução dos mais diferentes mundos vividos pelo povo do Cerrado, pois a realidade alimenta-se do imaginário e, por sua vez, esse se alimenta da realidade. E é, dessa forma, que o imaginário do cerradeiro se torna um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes, assim como proposto por Silva (2003, p. 8).

1.1.1. O *Lirismo Rural* de GMT na construção do imaginário

Conheci Sereno de passagem na Leonardo da Vinci, a bela livraria da Av. Rio Branco. Foi em 1970. Eu desejava pegar um livro na prateleira de baixo e não conseguia chegar até lá porque alguém procurava um livro na prateleira de cima. Pedi licença e a pessoa, polidamente, se desculpou e me perguntou se podia ajudar. Disse que não tinha pressa, que esperava. Aí ele, gentilmente, pegou o livro que eu procurava e me entregou: -- É este? Agradei e perguntei-lhe admirado: -- Como o Sr. soube que eu queria exatamente este livro? -- Intuição poética, respondeu. -- Posso saber o seu nome? -- Sereno. Olhou o relógio e me disse: -- Desculpe, tenho de sair. E saiu. Fui à dona da livraria e: -- Quem é ele: Escritor? -- Ele sempre chega ao meio-dia, olha alguns livros e sai sem comprar. Pensei em voltar noutro dia, às 12 hs, mas me perdi no tempo. Aos poucos, entretanto, fui sabendo de pormenores da sua vida e acabamos amigos (GMT, 2017, p. 26).

Na construção do imaginário, a partir da obra de GMT, o signo poético passa a ganhar simbologia, na construção do mito poético como ator construtor, quando o leitor entra com sua experiência subjetiva, construída pelas forças sociais, que vão encorpando as palavras com a prenhes simbólica que foi acumulada desde épocas remotas.

A linguagem poética do autor, em *Lirismo Rural*, apresenta vocabulário ideal para quem quer aprender a olhar o Cerrado brasileiro a partir de um conjunto de sinais. Porque, a partir do momento em que as palavras expressas são convertidas em símbolos, o sentido não se esgota e

a imagem nunca cessará de significar, dando à poesia de Gilberto Mendonça Teles o potencial de construir o imaginário coletivo da humanidade sobre o objeto de maneira atemporal.

Em *Lirismo Rural*, as relações entre o imaginário e o real, tratam de uma transversalidade que conecta e desconecta o cotidiano do povo do Cerrado brasileiro e deste com o mundo natural. A obra, como um todo, retrata a vontade de agir no mundo social e natural, demonstrando as motivações distantes e obscuras, veiculando visões do universo, das crenças e dos desejos mais profundos da sociedade.

De início, a nota explicativa do autor, para representar como ele conheceu (o) Sereno, já demonstra claramente o potencial dessa obra e sua importância na construção do imaginário coletivo e a presença dos mitos que serão vislumbrados no decorrer de toda a obra. A descrição inicia-se apresentando o local do encontro com Sereno, uma livraria, que é um arquétipo Universal das palavras, do conhecimento e da sabedoria. Esse local, cercado de diversos mitos, possibilita a todos, o deleite das preciosidades que os olhos querem ver e o coração quer sentir.

As concepções dos mitos, através da formação imagética, dão-se em momentos do mais profundo silêncio, momentos em que se cala o mundo externo para elevar a voz do inconsciente, permitindo, dessa forma, sua expressão. Sendo assim, a escolha do nome Sereno para o personagem da obra não poderia ter sido mais feliz e acertada.

A dificuldade em pegar o livro desejado, devido aos entraves provocados, reflete as dificuldades que temos de nos libertar das amarras da razão pela razão, para acessar o poder do imaginário. Entretanto, a mesma razão, que pode dificultar a busca do nosso eu poético, impedindo a expressão do imaginário, pode tornar-se fundamental para ativar a intuição poética, na busca da expressão máxima desse imaginário.

Nessa mesma trilha e de forma genial, o autor abre caminho para a construção do imaginário, por meio da expressão da atemporalidade da poesia, ao representar a pontualidade de Sereno. Representa, ainda, a dificuldade que sentimos na busca do eu poético, devido estarmos presos à temporalidade da vida humana, representada pela dificuldade do poeta em chegar na hora definida para encontrar o Sereno.

A amizade estabelecida com Sereno reflete o valor da persistência dos poetas na busca da construção de suas obras, abrindo caminhos jamais desbravados, permitindo que outras pessoas possam adentrar nesses caminhos, outrora fechados e realizar diversas explorações na construção de uma teia de conhecimento infinita, produzida pelos imaginários individuais, sempre embasados no imaginário coletivo de uma determinada sociedade que, no fim, fará parte do imaginário da humanidade.

No decorrer da obra, o autor destaca infinitos elementos que unem o eu-lírico à terra, colocando ênfase em diversas características sociais, econômicas, culturais. A partir de análises mais profunda da obra, identificamos os princípios ecológicos-evolutivos, que levaram ao estabelecimento do Cerrado brasileiro conforme conhecemos hoje.

Na análise ecocrítica de *Lirismo Rural*, enfatizaremos os elementos socioculturais e ecológicos-evolutivos da obra, que são fundamentais para o processo de construção do imaginário do cerradeiro. Enfatiza-se a importância da representação dos mitos poéticos, presentes na obra, que são os agentes construtores da percepção dos mais diferentes processos ecológicos-evolutivos e socioculturais do cotidiano do povo do Cerrado, tornando essa obra de GMT uma espécie de leitura da ecologia e evolução do Cerrado, em sua concretude e contradições. Assim sendo, convém retomar a etimologia da palavra “ecologia” na sua origem grega, na qual se juntam os termos “eco” (*oikos*), ou seja, “casa”, e “logos” que significa “saber”, “estudar”. Conclui-se, dessa forma, que a ecologia é uma ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio (orgânico ou inorgânico) no qual esses seres vivem. Analogicamente, ecologia é o estudo das relações de reciprocidade entre o homem e seu meio ambiente, seja ele moral, social, econômico. É o estudo dos ecossistemas e do desenvolvimento das comunidades humanas nas suas relações com o meio. No sentido restrito do termo, ecologia significa “conhecer a casa”, o que se pode perceber de várias formas na obra em estudo. (<https://educacao.uol.com.br>)

1.2. CAMINHOS DO MITO: CONCEITO, HISTÓRICO E PRINCIPAIS TEÓRICOS

No contexto poético, os mitos estão inseridos, de forma evidente ou oculta, em suas tramas, em estéticas distintas. Esses mitos podem ser reconstruídos pelo crítico literário, a partir da representação dos *schèmes*, dos arquétipos, das imagens e dos símbolos, formando um todo coeso representado pelo poeta, permitindo e instigando-nos a fazer uma reflexão, dentre outras, sobre as fronteiras entre o humano e o inumano.

Dessa forma, um dos aspectos mais interessantes ao abordar a problemática do imaginário na construção do conhecimento humano é o fato de termos que levar em conta, pelo menos, dois aspectos que me parecem ser fundamentais para o estudo aprofundado deste tema. Qual a importância dos mitos nesse processo? E, por que a poesia seria a “ferramenta” mais poderosa nessa construção?

A segunda questão nos parece bastante resolvida. Sendo a poesia o produto final da arte poética de trilhar caminhos jamais caminhados, nunca fechando a possibilidade de abertura de novas trilhas, nas mais diferentes direções e sentidos, ela não se fecha para o “estranho” ou para o “diferente”. No entanto, quanto ao primeiro questionamento, algumas considerações nos parecem bastante pertinentes e necessárias.

Para Aristóteles, é pela ação que os indivíduos produzem a imitação e, como a imitação aplica-se a uma ação e a ação supõe personagens que agem, é de todo modo necessário que essas personagens existam pelo caráter e pelo pensamento. Daí, resulta naturalmente serem duas as causas que derivam dos atos: o pensamento e o caráter, e, de acordo com estas condições, o fim é alcançado ou malogra-se. Para ele, a imitação de uma ação é o mito, sendo este a combinação dos atos; e o caráter ou costumes o que nos permite qualificar as personagens que agem. Dessa forma, o pensamento é tudo o que nas palavras pronunciadas expõe o que quer que seja ou exprime uma sentença, sendo que a ação, não se destina a imitar os caracteres, mas, pelos atos, os caracteres são representados.

Partindo dessas concepções, demonstraremos os caminhos da compreensão do entendimento humano sobre o mito, no contexto poético de *Lirismo Rural*, propiciando o entendimento da construção dos mundos pelos povos do Cerrado.

A tessitura do mundo é complexa e a poesia que a formula em palavras não deve ser irrepreensível, perfeita; é que o papel de tal poesia é o de atualizar, para o tempo presente, os mitos que permitem, bem ou mal, viver em sociedade. Sendo assim, a poesia deve, então, ser parte *do* e se integrar *ao* mistério da existência. Logo, o pensamento poético tende a enriquecer a compreensão, pois sabe preservar a flexibilidade. Por isso, é rico em saltos de qualidade e, em fecundidade, é original. Nesse sentido, os poetas, os críticos literários e os leitores são parte disso já que podemos apreender ou pressentir as sutilezas, os matizes, as discontinuidades de tal ou qual situação social. Nesse contexto, o mito é como uma força coletiva que deriva daquilo que o corpo sente e dispõe aos indivíduos a imagem de uma plenitude estendida à comunidade que os reúne (LEGROS et al., 2007, p. 85).

Segundo Maffesoli, é quebrando a linearidade do tempo que o mito introduz no vivido coletivo uma dinâmica fundada sobre o imaginal. Para o autor, estamos vivendo um dos momentos mais interessantes, em que:

A notável expansão do vivido convida a um conhecimento plural, e em que a análise disjuntiva, as técnicas de segmentação e o apriorismo conceitual devem ceder lugar a uma fenomenologia complexa, que saiba integrar a participação, a descrição, as histórias de vida e as diversas manifestações dos imaginários coletivos (MAFFESOLI, 1988, p. 244).

E, dessa forma, os símbolos descendentes assumem a mitologia do progresso, do crescimento, como a árvore vertical por excelência, e também o homem como animal vertical (DURAND, 1997). Para o autor:

Esses regimes imaginários específicos e mitos privilegiados se alternam de forma análoga a trajeto das águas na formação de rios através da “bacia semântica” da dinâmica do imaginário em seis fases: “escoamento” de pequenas correntes até imaginários latentes; “separação das águas” pela união de alguns escoamentos (um imaginário que se opõe ao oficial); “confluências” geradoras de novas correntes (novo imaginário em processo de reconhecimento social); “nome do rio” (personagem que define características da corrente); “ordenamento das margens” (expansão das características conceituais ou ideológicas), e, por último; “declínio” (inclui o potencial de saturação das confluências) (DURAND, 1998, p. 162 - 169).

É nesse contexto que o mito poético se torna importante na estruturação do imaginário, que surge a partir de uma relação entre memória, aprendizado, história pessoal e inserção no mundo dos outros. Sendo, portanto e, ao mesmo tempo, uma construção individual, coletiva e dinâmica que, conforme Silva (2003):

A construção do imaginário individual se dá, essencialmente, por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte) (SILVA, 2003, p.13).

Diante do exposto, fica evidente que o homem necessita dos mitos para expressar seus sonhos internos, que alimenta com a imaginação (Vázquez, 2007). E, assim, os mitos expressos pela poesia têm êxito, devido ao caráter universal dessa, porque os indivíduos se reconhecem, se enxergam e se espelham projetando nela seus sonhos.

Sendo assim, a poesia torna-se a representação do mito, aproximando o imaginário das situações da vida real e vice-versa e, por consequência, aproximando o homem do mundo natural, conforme demonstraremos em *Lirismo Rural*. Nessa mesma linha de raciocínio, Maria Esther Maciel, em seus estudos, estabelece que:

As tentativas literárias de recuperar o elo intrínseco entre o ser humano e o não humano afirmam-se, portanto, em nosso tempo, como formas criativas de acesso ao outro lado da fronteira que nos separa do animal e da animalidade. São formas um tanto variadas, que vão do esforço figurativo (mais comum à narrativa) ao gesto de apreensão, pela linguagem de uma possível subjetividade animal, tarefa atribuída, sobretudo à poesia (MACIEL, 2011, p 87).

Assim, ao analisar ecocriticamente *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, não podemos deixar de enfatizar o plano poético, cuja marca particular do poeta sobrepõe-se. Esmiuçaremos, então, a obra, privilegiando a análise ecocrítica poética de seu discurso mítico. É necessário insistir na questão e supremacia do discurso e de uma narrativa poética ecocrítica

– como se pretende mostrar nessas investigações, a partir de nosso recorte dessa obra de GMT – a garantir ao homem moderno a possibilidade de reproduzir os modelos exemplares e originais, atualizando-os pela imaginação e repetindo-os em vista da construção de uma totalidade de mundo que o envolva e o alimente.

A narrativa poética de Gilberto Mendonça Teles, em *Lirismo Rural*, é uma abordagem fundamental para a análise ecocrítica que se propõe a refletir a condição de humanidade, confrontando-a com o universo inanimado do Cerrado brasileiro, construída a partir dos processos ecológicos e evolutivos do mundo natural. Nesse processo, uma questão crucial é o universo do arquétipo e dos mitos nos trabalhos que envolvem toda essa obra, a qual pode ser averiguada na composição dos elementos e das formas de inscrição, tendo em vista a construção da poética para estabelecer contato com o simbólico. Mais do que isso, busca o encontro entre o Homem e o ambiente natural do Cerrado brasileiro. Vale, ainda, salientar a desenvoltura de GMT em estabelecer contatos com o “mundo natural” em uma perspectiva mitológica poética.

Dessa forma, a incontestável importância de compreender o bioma do Cerrado com toda sua força mitológica, serve-nos para uma análise ecocrítica que contempla a “visão” mítica, cujo estudo nos orienta no sentido de potencializar os efeitos de conhecer a constituição dos processos ecológicos-evolutivos, que o constrói e reconstrói. Nesse sentido, nossa visão vai ao encontro do proposto por Mircea Eliade:

O mito, portanto, é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (ELIADE, 2002, p. 23).

E, assim, os estudos ecocrítico, mitológicos e poéticos de *Lirismo Rural* possibilitam a busca por um resultado da representação do mundo natural, no sentido amplo da palavra, pois o mito revela o ser dentro do processo de existir e de relacionar-se com os outros seres. A análise ecocrítica dessa obra de Gilberto Mendonça Teles requer uma investigação focada no conhecimento mítico, em seu sentido poético.

1.2.1. Representação e construção dos Mitos em *LIRISMO RURAL*

O COME-QUIETO
Ou os sentidos do Mito em Goiânia

Os verdadeiros teóricos sabem que os mitos
surgem da bela ignorância imaginativa do homem
comum, e também da astuciosa inocência da força

lírca da mentira. Como Verlaine que ensinava a tordre
le cou de l'éloquence, o mito torce e distorce a entorse no
pesçoço da verdade.
[Serenó]

(GMT, 2017, p.134)

Na fala de Sereno, em “O come quieto”, o autor esconde e vislumbra, ao mesmo tempo, elementos centrais para a compreensão e a construção do mito poético, representando o surgimento desse a partir da ignorância imaginativa do homem comum. Demonstra, também, que os mitos poéticos surgem de forma livre, sempre após nos libertarmos das amarras do mundo vivido, na maioria das vezes, dominado somente pelo que denominamos no senso comum de racional. Como representado por Gilberto Mendonça Teles, o mito, quando visto apenas pela razão, torna-se algo que distorce a realidade quando, na verdade, é na ausência dele que a realidade está realmente distorcida. E é, justamente, essa “mentira” lírica, que permite o devaneio, as mais diferentes elucubrações entre os mais diferentes mundos reais, tanto os nossos, quanto o das outras pessoas.

Ao adentrarmos em *Lirismo Rural*, deparamo-nos, de forma bastante prazerosa, com o poema “Flores=Pássaros”, e, a partir de sua análise ecocrítica, percebem-se diversos elementos e símbolos, que estão presentes, também, na construção dos mais diferentes princípios da estrutura teórica dos processos ecológicos-evolutivos responsáveis por estruturar o Cerrado brasileiro:

FLORES=PÁSSAROS

Serenó cismava o mais comum
o mais apropriado para figurar
o visível e o invisível da beleza
circunscrita no virtual do cerrado.

Foi quando seus olhos se abriram
de espanto na alegria da campina:
- Um bando de pássaros se misturava
às flores nativas e saíam todos –
flores e pássaros – Voando juntos
e colorindo o perfume claro-escuro
da tarde que se aninhava na paisagem:

andorinhas **flor de cagaita** pintassilgo
algodão joão-de-barro **caliandra**
pass'o preto **mamacadela** gaturamo
madressilva bemtevi **caraguatá**
tié-do-cerrado **agapanto** cardeal-de-goiás
quaresmeira tedoudinha **pervinca**
cambacica **caraíba** tempera-viola
jasmin araponga **orquídea**
canário da terra **bonina** tiziu

avenca papa-capim **verbena**
 garrincha **begônia** fogo-pagô.
 (grifos do autor)
 (GMT, 2017, 150)

Na construção do título de “Flores=Pássaros”, o eu-lírico já sintetiza o mais importante dos mitos poéticos da construção do pensamento ecológico-evolucionista. De forma poética e um tanto enigmática, o autor demonstra a essência do processo de formação da biodiversidade, assim como proposto por Charles Darwin em sua primorosa obra *A Origem das espécies*, de 1856. Na composição da árvore da vida, todos os seres vivos atualmente estão em par de igualdade ao longo do complexo processo evolutivo.

Ecologicamente, o poema representa a importância dos produtores no processo ecológico-evolutivo, através dos destaques dos nomes das “flores” em relação aos “pássaros”, pois essas pertencem ao reino vegetal, demonstrando, assim, a importância desses produtores para a manutenção do mundo vivo. Tal destaque, por si só, representa o elo construtor das cadeias ecológicas, através do processo de fotossíntese, responsável por produzir a maior parte da matéria orgânica que mantém coesa toda a estrutura ecológica do mundo vivo.

Os versos, que retratam as flores e os pássaros voando juntos, representam, poeticamente, o processo ecológico da polinização, mecanismo de disseminação dos pólenes dos vegetais pelos pássaros. A existência e a persistência da vida no Cerrado estão diretamente relacionadas a esse mecanismo ecológico, que é o responsável pela fecundação dos vegetais que dele participa. Tal poema representa, também, o mecanismo ecológico da disseminação, responsável direta pela atual área de distribuição geográfica das plantas no Cerrado, caracterizando-o fitofisionomicamente. É na disseminação que essas plantas são levadas até os mais longínquos lugares do bioma, desbravando áreas jamais colonizadas, estabelecendo-se e definindo as comunidades e as sociedades ecológicas.

Essencialmente, encontramos nas entranhas do poema o processo ecológico-evolutivo, conhecido cientificamente como coevolução, que é a evolução interdependente de duas espécies, em decorrência das importantes relações ecológicas existentes entre ambas, explicando, assim, a inter-relação entre plantas e pássaros,

Esses atributos regionais presentes no Cerrado e retratados, enigmaticamente, pelo autor, sintetiza o mito responsável pelo entendimento dos processos ecológicos-evolutivos para a compreensão da árvore da vida, que é a essência de todos os processos de criação da biodiversidade presente no Cerrado. Universaliza, ainda, esse entendimento para as demais regiões do planeta, demonstrando a importância de *Lirismo Rural*, através de seu caráter peculiar,

para a construção do mundo, no cotidiano dos cerradeiros. Dessa forma, demonstraremos que, em *Lirismo Rural*, Sereno leva-nos a conhecer muito do ambiente do Cerrado brasileiro, através de sua vivência junto a essa riqueza ambiental pertencente a toda a humanidade.

Portanto, a busca dos atributos poéticos presentes nessa obra, através da análise ecocrítica, permite desvendar e definir os mitos poéticos, aqui entendidos como agente criador, com potencialidade de perpetuar a obra de Gilberto Mendonça Teles. Deste modo, contribui para a conservação e a preservação dos mais diferentes atributos ecológicos-evolutivos responsáveis pela estruturação do Cerrado brasileiro em sua concretude e contradições, demonstrando, assim, o caráter de atemporalidade e universalidade de *Lirismo Rural*.

2. A ECOCRÍTICA E O CERRADO NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO EM *LIRISMO RURAL*

A ecocrítica, em sua vertente ecopoética, permite-nos investigar as relações entre a obra poética e o objeto por ela representado. Concentrando as análises na representação ambiental da obra poética, ela nos permite investigar as relações entre a poesia e o meio ambiente. Dessa forma, além de tornar a análise crítica poética popular e tão bem aceita por seu público original, a ecocrítica tem conquistado grandes interesses de outros públicos, fora do contexto poético-literário. Conforme demonstrado por Vieira (2008), as questões ambientais demandam, cada dia mais, novas formas de pensar que demonstrem potencialidade de auxiliar na solução da crise ambiental causada pelas ações antropológicas sobre o meio ambiente:

Nos últimos anos, as questões ambientais têm adquirido uma grande importância em nossa sociedade. Com as mudanças que o mundo vem sofrendo, a partir da crise da modernidade, acentuaram-se os números de estudos na busca de soluções para os problemas sociais, ambientais, políticos e econômicos que se está passando. Assim começam a surgir novos paradigmas que visam uma direção mais sistêmica e complexa de sociedade (VIEIRA, 2008; p. 01).

Compreendemos, assim, a importante função social da literatura e apresentamos a potencialidade da obra poética *Lirismo Rural* nesse processo, uma vez que ela fixa no tempo, sendo, então, capaz de ampliar a capacidade de concentração, memorização, raciocínio e reflexão. Além disso, a obra poética do autor, assim como a literatura em geral, em alguns casos, também se revela capaz de incentivar e motivar aqueles que necessitam de exemplos a serem seguidos (CULLER, 1999).

É nesse contexto ecológico-evolutivo-contemporâneo, em que o exercício artístico-cultural associa-se, em seu sentido mais amplo, aos movimentos de conscientização ecológica-evolutiva, levando a uma tomada de consciência da necessidade de conhecer para conservar e preservar. E, é nessas circunstâncias que interessa a todos saber o quanto a obra poética *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, caracteriza-se como uma forma atuante e permanente na disseminação de informações e representação de práticas educativa-formativas sobre meio ambiente do Cerrado brasileiro, com foco na dimensão ambiental do processo, permitindo-nos verificar e comprovar a famosa afirmação de Lavoisier: “Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Com base nesses princípios, utilizamos da ecocrítica para demonstrar as relações tecidas entre literatura e meio ambiente, sobretudo, da relação do homem com o seu meio, a partir de

uma perspectiva ecocêntrica da obra de GMT, pondo em questão o lugar e o contexto da escrita, bem como sua recepção (GARRARD, 2006; BARRY, 2009).

Os mitos poéticos contidos em *Lirismo Rural* apresentam-se como resposta a uma necessidade inerente ao ser humano. E, nesse caso específico, funciona como um mecanismo para despertar a consciência adormecida na compreensão dos processos ecológicos-evolutivos responsáveis pela formação do Cerrado brasileiro.

2.1. Caminhos da Ecocrítica: conceito, histórico e principais teóricos

Historicamente, em 1978, Willian Ruecket, na tentativa de uma aproximação entre a ecologia e os fenômenos literários, uniu as palavras ecologia e crítica, etimologicamente, dando origem a ecocrítica (RURCKET, 1978). Porém, sua inclusão oficial como ramo dos estudos literários foi anunciada somente em 1996. Daí em diante, diversos autores, dentre eles, Kroeber (1994), Buell (1995; 2001), Glotfelty (1996), Coupe (2000), Barry (2002), Bryson (2002), Rojas Pérez (2004), Garrard (2004), Gomides (2006), Heise (2006), Moore (2008), Selvamony (2008), Zapf (2008) demonstraram o potencial dessa nova forma de compreensão e visão na construção e reconstrução do mundo.

Ao realizar a análise crítica de *Lirismo Rural*, pretendemos, de certa forma, dar voz ao que está silenciado, ou seja, dar voz à natureza e ao mundo exterior. Essa forma de abordagem só foi possível após o advento dos estudos culturais, dos quais surgiram diversas abordagens mais descentralizadas, dentre elas, a ecocrítica, caracterizada pela mudança de perspectiva que, deixando de ser homocêntrica, tornou-se ecocêntrica. Sendo assim, o que está em foco agora, com essa nova abordagem, é o lugar, ou seja, é o que está exterior ao poeta e de que maneira ele informa, no poema produzido, o que podemos ver refletido de seu eu-lírico.

Com essa nova abordagem, estamos interessados na pessoa do poeta e em sua intenção. Porém, o que mais importa para o ecocrítico é, sobretudo, o lugar e o contexto da escrita por onde ele passa. Nesse sentido, podemos perceber, desde já, o potencial dessa nova abordagem, pois eterniza não só o poeta, mas também seu mundo externo que, na realidade vivida, é comum a todos. Estamos, portanto, de acordo com o que diz Peter Barry (em seu *Beginning Theory – An Introduction to Literary and Cultural Theory*):

Para a ecocrítica, a natureza realmente existe além de nós mesmos, não precisando ser ironizada como um conceito por enclausuramento dentro do conhecer, mas realmente presente como uma “entidade” que nos afeta, e que podemos afetar, talvez fatalmente, se nós a maltratarmos. A natureza, então, não é redutível a um conceito que

concebemos como parte de nossa prática cultural (BARRY, 2009; p. 252). (Tradução nossa).

Daí, observamos que, ao realizarmos uma análise mais profunda da palavra ecocrítica, descobrimos, a partir da etimologia da palavra eco, que remete ao termo grego *oikos*, significando “casa”, já explicitado anteriormente, a essência desta nova visão dos estudos literários, a partir da perspectiva ecocêntrica presente no texto, podendo, inclusive, ser estendida a todas as relações do homem com o seu meio. Nesse sentido, podemos falar, ecocriticamente, da perspectiva de comprometimento do poeta com o meio ambiente do Cerrado brasileiro. Podendo, inclusive até mesmo, determinar o nível de engajamento do poeta com a conservação e preservação desse bioma.

No que refere aos temas da “poesia ecológica”, contidas em *Lirismo Rural*, demonstraremos na obra, a busca do “*habitat* da linguagem”, a partir da preocupação do autor com a conexão do seu eu interior com o mundo natural exterior, conforme proposto por James Engelhardt (em “*The language habitat: na Eco poetry manifesto*”).

Dessa forma, o enfoque da nossa ecocrítica, passará pelos motivos que poeta encontrou nos mais diferentes elementos simbólicos da natureza, expressos em *Lirismo Rural*. Posteriormente, cabe a nós, como leitores e críticos, a partir da forma como experienciamos esses mesmos elementos, reconstruir e desvelar os mitos poéticos socialmente construídos, presentes na obra, sempre na perspectiva de privilegiar o lugar, a ascendência e tudo aquilo que nos é primordialmente intrínseco e identitário, fazendo também parte da nossa conexão com o nosso mundo exterior.

Nesse sentido, a ecocrítica fornece um salto de importância às análises críticas literárias poéticas, devido à sua preocupação, em nosso caso específico, de manter os poemas contidos em *Lirismo Rural* conectados ao Cerrado brasileiro, que é o lugar e o espaço de onde surgiram e constrói os mundos vividos pelos cerradeiros.

Nessa perspectiva, propomos fornecer propriedade útil aos estudos literários da obra poética de Gilberto Mendonça Teles, livrando-nos das amarras das possíveis problemáticas relacionadas às “inutilidades” dos estudos acadêmicos, conforme proposto por John Elder no prefácio de *Eco poetry*:

Uma das maiores vantagens de uma abordagem ecológica à poesia pode, na verdade, ser o fato de nos libertar da frouxidão da cultura acadêmica predominante. Às vezes, o discurso acadêmico pode parecer uma conversa condenada a jamais ser executada enfrentando repreensões e, portanto, ter simultaneamente perspectivas limitadas de compreensão e crescimento [...] (JOHN ELDER, 2002).

Utilizamos-nos da ecocrítica em nosso estudo, por entender que sua metodologia condensa, em uma só, as metodologias das diversas áreas do conhecimento com o da ciência literária, na análise do fenômeno literário presente na obra poética, estando, portanto, sempre pronta ao diálogo. E, dessa forma, na realidade, o que esta abordagem toma para si é uma abrangência de perspectivas com enorme potencial de integração de outras áreas do conhecimento. Logo, em nosso entendimento, não necessariamente estamos, efetivamente, diante de um novo paradigma da teoria literária.

2.2. O Cerrado: Bioma, Arte e Vida

O Cerrado brasileiro figura como um dos mais importantes biomas do mundo, devido às suas particularidades ecológico-evolutivas e socioculturais. Assim, valemo-nos da análise ecocrítica da obra *Lirismo Rural*, para descrever essas particularidades, que apesar de inacessíveis para muitos, estão presentes na narrativa poética dessa obra do autor.

Porém, para descrevermos as narrativas dessa obra poética, ao nosso ver, torna-se necessário apresentar as peculiaridades que tornaram esse bioma tão especial para a manutenção da vida no planeta Terra, bem como suas características únicas. E para tal, utilizaremos o olhar histórico-científico, sociocultural e poético a respeito do Cerrado brasileiro, em sua concretude e contradições.

2.2.1. Cerrado: traçado histórico-científico, sociocultural e poético

Historicamente, a ocupação das áreas do Cerrado remonta a 12.000 anos, quando teriam vivido ali os primeiros homens conhecidos. Esse longo tempo de história ecológico-evolutiva tornou esse bioma um sistema dominado por características ecológicas peculiares que o tornam único, sendo considerando, portanto, um dos *hotspots* mundiais da biodiversidade, pois apresenta mais de 1.500 espécies de plantas endêmicas e já sofreu perda de seu *habitat* em mais de 70%. Mesmo assim, esse bioma brasileiro é reconhecido como a savana mais rica do mundo em biodiversidade com presença de distintas ecorregiões (IBAMA, 2001).

Em 2010, foram catalogados, no Cerrado brasileiro, mais 15 mil espécies de plantas, 1.570 espécies de animais e 277 tipos de frutos comestíveis. Todos esses frutos são únicos e de sabores concentrados, cheiros acentuados pela riqueza do solo e pelo calor do sol, dando às plantas locais uma consistente e grossa casca. A maioria das plantas do Cerrado é medicinal e,

portanto, o homem utiliza-se de seus frutos como alimento e para a cura de diversas doenças. Em tempos de tecnologias avançadas, muito de seus frutos e cascas é utilizado na produção de cosméticos. A vida no Cerrado depende, absolutamente, dos frutos, raízes e folhas para sua manutenção nesse bioma. Desses frutos vivem aves, mamíferos, répteis, anfíbios e, até mesmo, os insetos.

Por possuir características ecológico-evolutivas, socioculturais e histórica únicas, faz-se necessário descrever o cerrado a partir das mais diferentes visões, para expressar o que, a princípio, está oculto aos nossos olhos. Para tal, utilizaremos as visões histórico-científicas, socioculturais e poéticas, para desvendar os segredos ocultos desse importante bioma brasileiro.

2.2.1.1. Visão científica do Cerrado

O Cerrado brasileiro é o segundo maior Bioma do país, estendendo por 2.036.448 km², cobrindo cerca de 23,92% de todo o território nacional (OLIVEIRA E MARQUES, 2002). Está situado entre as coordenadas 5° e 20° de latitude Sul e 45° a 60° de longitude Oeste, sendo que maior parte de sua área está localizada no Planalto Central do Brasil. Neste sentido, o Cerrado brasileiro estende-se de forma contínua pelos Estados de Goiás, Tocantins, no Distrito Federal, parte dos Estados da Bahia, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Piauí, Rondônia e São Paulo e, ainda, em áreas disjuntas nos Estados do Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e ao sul, no Paraná (RIBEIRO E WALTER, 1998). É, portanto, representativo em mais da metade dos Estados brasileiros.

O termo Bioma, aqui adotado e usado para categorizar o Cerrado, é entendido como uma área do espaço geográfico, com dimensão superior a um milhão de quilômetros quadrados, representado por um tipo uniforme de ambiente, sendo identificado e classificado de acordo com o macroclima, a fitofisionomia, o solo e a altitude, pois estes são os principais elementos que caracterizam os diversos ambientes continentais nas suas mais diversas características e peculiaridades (WALTER, 1986).

Entretanto, o Cerrado brasileiro, definitivamente, não apresenta um tipo uniforme de ambiente, pois apresenta fitofisionomias que englobam formações florestais, savânicas, campestres, dentre outras (RIBEIRO E WALTER, 1998), indo ao encontro do que foi proposto por Castilho e Chaveiro:

[...] o cerrado, além de Bioma, é também ecossistema. E pode ser considerado também como Domínio. No espaço onde há predominância do Cerrado, chamamos esse Domínio de Cerrado. Mas não se pode confundir esse termo com Bioma. Isso pode

ser resolvido da seguinte maneira: no Domínio do Cerrado, o Bioma predominante é o Cerrado, mas também pode haver ecossistemas típicos de outros biomas. Então, Bioma é mais específico, refere-se de fato ao Cerrado. Domínio tem caráter mais dimensional; de localidade. (CASTILHO e CHAVEIRO, 2007, p. 3)

De acordo com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, há, no mínimo, sete formações fitofisionômicas compondo o Cerrado, sendo elas: o Cerrado Típico (Sentido Restrito); Campo Sujo; Cerradão; Cerrado Rupestre; Vereda; Mata Ripária (Mata Ciliar e Mata de Galeria); Cerrado de Mata Seca (Mata Seca Sempre-Verde, Mata Seca Semidecídua, e a mais comum, Mata Seca Decídua) (Fig. 3-9).

Sendo assim, o Cerrado, entendido como uma ecorregião de savana vastamente tropical (RIZZINI, 1997), explicaria melhor o *status* desse bioma brasileiro. Compreende-se por ecorregião um conjunto de comunidades naturais, geograficamente distintas, que compartilham a maioria das suas espécies, dinâmicas e processos ecológicos-evolutivos, e condições ambientais similares, que são fatores críticos para a manutenção de sua viabilidade a longo prazo (DINNERSTEIN, 1995).

Historicamente, ou do ponto de vista ecológico-evolutivo, a vegetação do Cerrado foi condicionada pelo clima, características físico-químicas do solo, fogo, profundidade do lençol freático ao longo dos milhares de anos e, mais recentemente, por atividades antrópicas como criação de gado, desmatamento e agricultura (RIBEIRO E WALTER, 1998), que geralmente fornece ganhos econômicos, em detrimento das perdas socioambientais, levando à destruição de áreas do Cerrado.

A importância ecológica-evolutiva do Cerrado brasileiro, ou seja, a importância de sua conservação e preservação, é demonstrada por sua classificação como *Hotspots* de biodiversidade. Em todo o mundo, há 35 áreas que se qualificam como *Hotspots* da diversidade biológica. Essas áreas em conjunto representam apenas 2,3% da superfície terrestre. Mas, possuem mais da metade das espécies endêmicas de plantas do mundo, aquelas que só são encontradas nessas áreas, e quase 43% de espécies endêmicas de pássaros, mamíferos, répteis e anfíbios do nosso planeta.

O nosso Cerrado faz parte desse seleto grupo, sendo um dos 35 *hotspots* de biodiversidade. A grande preocupação com esse bioma está no fato de que, para ser assim classificado, é necessário cumprir dois requisitos. O primeiro e extremamente positivo é possuir no mínimo 1.500 espécies de plantas endêmicas, ou seja, no Cerrado há uma enorme quantidade de espécies de plantas que, se perdidas, jamais serão reencontradas. Já o segundo critério deixa-nos bastante preocupados, pois, que para ser *hotspots*, um bioma deve ter, no mínimo, 70% de

sua área já destruída pela ação antrópica, ou seja, as espécies presentes no Cerrado estão extremamente ameaçadas de extinção pela ação destruidora do homem, provocada diretamente pela forma do uso do solo.

É nesse contexto, que demonstraremos, através da ecocrítica, o potencial de contribuição que a obra poética de GMT, *Lirismo Rural*, fornece às mais diferentes áreas do saber humano e, especificamente, à ciência. Para tal, utilizamo-nos dos seus *schèmes*, arquétipos, imagens e símbolos na formação dos mitos poéticos representativos dos mais diferentes mundos dos cerradeiros, dando à obra poética potencial para explicar e direcionar os olhares para a importância da conservação e preservação do Cerrado brasileiro.

2.2.1.2. Visão sociocultural do Cerrado

As problemáticas ecológicas-evolutivas atuais do Cerrado brasileiro, causadas pelas ações antrópicas, estão diretamente relacionadas ao âmbito sociocultural, conforme proposto por Castilho e Chaveiro:

[...] entendê-lo como produto de história social, sobretudo um ambiente que se localiza; que foi e é apropriado; que possui lógicas atuais, culturas diversas ou resistências; que está em movimento e que possui um sentido socioespacial proveniente do cruzamento das variáveis internas e externas que se configuram e desenham-no enquanto território. (CASTILHO E CHAVEIRO, 2010, p. 43)

Partindo desta perspectiva, observamos que as transformações do Cerrado brasileiro vão além dos aspectos físicos, entrelaçando-se, de certa forma e simultaneamente, na cultura e nos modos de vida de seu povo. Conforme sugere Barreira e Chaveiro (2010, p. 26), as transformações socioculturais do Cerrado brasileiro são únicas, devido principalmente a suas características geográficas:

[...], todavia, essas mudanças, além de dinamizarem economicamente esse território, dariam - lhes mais sobrevida política. Assim é que se estendeu essa ideia: o sertão é o Brasil profundo e original, diferente do litoral que é contaminado pelas forças exteriores. Mas esse Brasil profundo precisa ser mudado pelo exemplo externo, de maneira que o que é original não serve e o que é externo é espúrio, mas necessário. (BARREIRA E CHAVEIRO, 2010, p. 26)

Já dissemos que, historicamente, o processo de ocupação das áreas do Cerrado remonta a cerca de 12.000 anos, quando teriam vivido ali os primeiros homens conhecidos nesse bioma. Porém, apesar dessa existência longínqua de convívio homem/natureza, o processo de ocupação, economicamente estruturado, realmente com poder de modificação dos fenômenos

ecológico-evolutivos e socioculturais não ocorreu em seus primórdios. Nos séculos passados, o que aconteceu foi uma ocupação primitiva, baseada nas técnicas rudimentares de exploração do ouro, o que tornava a vida no Cerrado econômica-sócio-culturalmente sofrida, conforme proposto por Chaul:

Figuram as técnicas rudimentares de extração e exploração das jazidas (ouro de aluvião), a falta de braços para uma exploração mais intensa das minas, a carência de capitais e uma administração preocupada apenas com o rendimento do quinto. Assim, todo o potencial da capitania era canalizado para a exploração do ouro, o que encarecia, cada vez mais, os bens de primeira necessidade (CHAUL, 2010, p. 35).

Entretanto, com o declínio do processo de mineração, a agropecuária foi o caminho encontrado para manter ativo o sistema de produção mercantil, abastecendo os mercados do centro-sul e norte-nordeste do país (BORGES, 2000), sendo essa, historicamente, a atividade responsável pela inserção da economia goiana no cenário nacional. Essa fronteira agrícola foi posteriormente ampliada, entre os anos de 1930 a 1945.

Logo, se para a preservação dos processos ecológicos-evolutivos a situação do Cerrado começava a dar os primeiros sinais de desgastes, do ponto de vista econômico tudo estava indo de vento em poupa. Nessa perspectiva, essa forma de exploração do Cerrado surtia efeito econômico positivo, o que levava a uma menor preocupação com a real situação ecológica-evolutiva do bioma, conforme demonstrado por Rigonato:

Nas últimas décadas, houve uma revalorização das áreas de Cerrados. Os Cerrados passam de terras inóspitas para terras de celeiro produtivo. Para isso, ocorreram o emprego de novas tecnologias na produção agrícola e o processo de urbanização e industrialização (agronegócio). Houve metamorfoses tanto nos elementos ecológicos dos Cerrados como no estilo e no modo de vida das populações tradicionais, pequenos agricultores, quilombolas, posseiros e outros grupos (RIGONATO 2013, p.84).

A partir de então, as relações socioculturais do Cerrado, como um todo e o goiano em específico, foram extremamente modificadas, sendo ampliadas, a partir da construção de Goiânia, com a abertura de novas estradas, possibilitando a ligação entre os municípios e com os outros Estados. A Colônia Agrícola Nacional de Goiás foi mais uma ação dos governos federal e estadual, promovendo a ocupação da fronteira no Estado, cujas estratégias alcançavam todo o país, atraindo para o Cerrado a migração de milhares de famílias, expandindo, assim, sua fronteira agrícola. Um outro fator responsável direto por essa transformação foi a construção de Brasília, que imprimiu um ritmo acelerado ao progresso no interior do Cerrado, modificando completamente os processos ecológicos-evolutivos, pela invasão das monoculturas, conforme indica Almeida et. al. em 1998:

Com a ocupação do Cerrado, no início da década de 1970, com o incentivo governamental e adoção de mecanização, a vegetação nativa começou a ser

derrubada. Esta ocupação proporcionou uma gradativa mudança de paisagem, principalmente na cobertura vegetal. Monoculturas, sobretudo de plantas anuais como a soja, o arroz e o milho, ocuparam áreas extensas na época chuvosas e, na época seca, os solos avermelhados sem qualquer cobertura vegetal proporcionavam uma paisagem de deserto (ALMEIDA, et. al., 1998, p.1).

Em grande parte, essa destruição ambiental pode ser explicada pela intensificação da expansão agropecuária, o que economicamente tornou o Cerrado brasileiro o celeiro da humanidade, conforme demonstrado por Shiego Shiki:

[...] a intensificação da agricultura agrícola via Revolução Verde criou um novo marco na dinâmica do desenvolvimento capitalista nos Cerrados e estabeleceram rapidamente suas ligações com o sistema agroalimentar mundial, estando diretamente ligado ao agronegócio. (SHIKI, 1997, p. 135)

E é, a partir dessas mudanças econômicas na forma como o homem interage com a natureza, que surge a problemática sociocultural da marginalidade, pois, ou esse homem se enquadra na lógica capitalista da produção mecanizada ou, simplesmente, estará fora do sistema produtivo, tornando-se, assim, sinônimo de ignorante e atrasado. Essas mudanças alteram completamente o padrão sociocultural do Cerrado brasileiro. Conforme apresentado por Silva:

É assim que se desbrava e se efetiva a conquista do bioma dos cerrados, trazendo o inovador ciclo econômico da agricultura onde a soja é o destaque a ocupar mais um espaço brasileiro. Desse modo, a envolvente modernidade tecnológica da agricultura conseguiu substituir, na região, a roça “de subsistência” pela roça mecanizada, o machado pelo trator, a enxada pelo arado e o estrume pelo adubo químico. Mas é assim também que o capitalismo se dinamiza e entra no campo produzindo desigualdades econômicas, sociais, culturais, ecológicas etc., através do falso conceito chamado “progresso acelerado”. Diga – se de passagem: quem não se enquadra nesse esquema transforma-se em sinônimo de atraso e ignorância (SILVA, 1991, p. 143).

Nesse sentido, a monocultura da soja traz riqueza econômica ao Cerrado, à custa do empobrecimento de sua biodiversidade e, muitas vezes, gerando disputas, que têm levado à corrosão também das relações socioculturais. Diante desses fatores, o cenário do Cerrado passa por profundas transformações, conforme apregoa Chaveiro (2008, p. 1):

[...] a situação fundamental que traduz o atual período: o cerrado se coloca no centro de uma disputa de sentido, de uso e de filiações simbólicas, econômicas e políticas “[...]”o território cerradeiro, no contexto histórico deste período, se apresenta disputado em que se situam usineiros, agentes industriais, estrategistas financeiros, Estado e também vários setores do Movimento Social organizado, de Organizações não governamentais, do Movimento ambientalista. Essa disputa penetra o modo pelo qual se gera sentido ao uso do cerrado”. [...] por isso, se encontram presentes os dilemas das populações tradicionais relativos aos seus saberes e sabores, as mudanças dos hábitos alimentares, as novas condutas culturais no uso de seus rios, aos novos signos, agenciamentos e símbolos das principais festas, a cisão do sujeito da tradição instalado num mundo urbano, a sua literatura etc. Esses dilemas requerem que se

compreenda o cerrado no cerne das transformações socioespaciais do mundo global. (CHAVEIRO, 2008, p. 1)

Uma das principais consequências das problemáticas socioculturais está no fato de que as representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Pois, do contrário podemos levar, inclusive, à perda de identidade e à aculturação do povo cerradoeiro tradicional, o que tem levado também à mudança de sentido no uso do próprio Cerrado.

Os objetos geográficos do Cerrado desempenham um papel importante na transformação da sociedade cerradoeira. No entanto, os objetos só têm a capacidade de provocar as mudanças porque são dotados de conteúdos que expressam o momento histórico da evolução sociocultural, científica e técnica da humanidade (SANTOS, 1996, p. 101), bem como as mudanças ecológicas-evolutivas da natureza, tendo, dessa forma, força de transformação sobre o Cerrado. O advento dessas transformações traz consigo novas formas de organização e ocupação dos espaços, apresentando o surgimento de diferentes representações socioculturais e de novos processos ecológicos-evolutivos, fazendo com que cada grupo social se organize para atender as necessidades que lhe são impostas, formando, desse modo, as mais variadas representações socioculturais.

2.2.1.3. Visão Poética do Cerrado

VISÃO POÉTICA

Nasci sem nenhuma visão
Nunca pude vislumbrar a luz
Ou ver o rosto de meus pais

Mas de cego não me chames, não!
Não tenhas pena de minha cruz
Não se padeças com meus ais

Pois vejo poemas em toda parte
Poemas gotejando dos céus
Poemas esculpidos pelos ventos

Poemas nascendo da pura arte
Sutis, como que formados por véus
Versos felizes, não de lamentos

Poemas me dão as mãos, são o meu guia
Diante do raso e do profundo
Eu vejo poemas em profusão

Por isso não preciso enxergar o dia
Pois sou poeta e vislumbro o mundo
Nas batidas de cada coração!

(Dalto Fidencio e *pluribus unum*)

Em acordo com a proposta de Dalton Fidencio, em *Visão Poética*, entendemos que o processo de percepção do Cerrado em sua concretude e contradição passa, inevitavelmente, por sua compreensão através do imaginário poético. É a partir dessa compreensão que os mitos poéticos são construídos histórico-socialmente. É com essa visão que enxergamos esse bioma em sua plenitude, dando-nos a capacidade de desvendar, desde o desabrochar da vida após uma grande queimada, até o findar da mesma após o final de um ciclo vital. É dessa forma que podemos perceber os “milagres” presentes diariamente no Cerrado brasileiro, conforme propõe Nicolas Behr:

Olhe bem os cerrados da próxima vez,
 rasteje por entre capins e cupins e
 sinta o cheiro do anoitecer.
 O Cerrado é milagre, minha gente.
 (Nicolas Behr)

Rosa Berg utiliza-se de elementos do Cerrado para demonstrando sua capacidade de resiliência, retirando vida das águas da chuva, em um verdadeiro vai e vem, atemporal, de construção da eternidade. O florir do Cerrado representa ecológico-evolutivamente sua capacidade de produção e reprodução da vida, que é o mais importante processo biológico do mundo vivo:

“Por que não somos como Cerrado?
 Que bom seria se,
 quando chovesse dentro de nós,
 brotasse a primavera.”
 (Rosa Berg)

Nessa trilha, esse olhar poético sobre o Cerrado torna-se fundamental para a construção do imaginário coletivo da humanidade, o que vai ao encontro do que foi proposto por Silva:

[...] olhares que abracem a beleza da paisagem, mas que, acima de tudo, conheçam e desvendam seus horizontes e obstáculos. Olhares que se percam e se identifiquem ao mesmo tempo, e que sejam sensíveis às diferenças, que sintam, conheçam e, conhecendo, sejam sinônimos de ações que tragam o Cerrado para a esfera do sujeito. (SILVA, 2005, p.43)

E é a partir desse olhar que nos abrimos para o diferente do Cerrado, para aquilo que não está caracterizado em sua utilidade. Dessa forma, o olhar poético sobre esse bioma permite a ação que o constrói e o reconstrói, trazendo-o para a esfera de vida do sujeito, fazendo gerar, assim, significados e permitindo que ações sejam tomadas por esses sujeitos, sempre no sentido de conservar e preservar as peculiaridades ecológicas-evolutivas, socioculturais de suas mais diferentes ecorregiões.

É na perspectiva desse olhar poético, de formação construtiva, que analisaremos ecocriticamente a obra *Lirismo Rural*. Interessados, principalmente, em interligar os elementos presentes na obra de GMT, para elucidar os mecanismos ecológicos-evolutivos, socioculturais, que destrói, constrói e reconstrói o Cerrado. Entendemos que a natureza, com sua presença “autoritária” não pode ser dissociada de sua equivalente social. Pois só assim poderemos explicar o ordenamento da vida coletiva presente no Cerrado. É nesse contexto de interações socioculturais e ecológica-evolutivas que procuraremos fixar a obra poética *Lirismo Rural*, ao Cerrado. Permitindo assim, a elucidação dos mitos poéticos construídos pela subjetividade de GMT, na criação do universo ficcional que acompanha o mundo real do povo cerradeiro e do Cerrado como natureza, conforme nos propõe Velloso:

A presença autoritária da natureza não pode ser dissociada, entretanto, de uma equivalente condição social de violência e espoliação, definindo uma conjuntura em que a mão pesada dos “ermos e gerais” agrega-se a um simétrico despotismo exercido pelo ordenamento da vida coletiva, marcada, em um contexto de restrição ao acesso à propriedade de terras, pelo exercício arbitrário da força dos “coronéis” sobre os dependentes. O mundo social, internalizado como realidade objetiva, integra-se à subjetividade do escritor na criação de um universo ficcional que acompanha os indivíduos em sua relação com o meio físico e a sociedade, o que implica “interações, deslocamentos e modificações” recíprocos entre os personagens e o mundo em que se movem (VELLOSO, 1988, p.240).

Observaremos, assim, que a história sociocultural e os processos ecológicos-evolutivos de formação do Cerrado podem ser enriquecidos pelo diálogo com a obra *Lirismo Rural* de GMT, em específico e com qualquer obra de arte, sobre esse bioma, no geral. Além de que, a obra poética de GMT é capaz, não somente de dar testemunho da interação das sociedades humanas com a natureza presente no Cerrado brasileiro, mas também se comunicar com o imaginário social, no contexto em que o meio físico se afirma como matéria de um amplo universo de representações, mitos e símbolos desse bioma.

Dessa forma, *Lirismo Rural* permite que a humanidade se beneficie do mundo do autor, como uma criação cultural simultaneamente informativa, formativa e poética. Nesse sentido, podemos também enriquecer nossa capacidade de debate sobre temas que envolvam a materialidade, sendo possível abrir caminhos para uma visão integradora do real do Cerrado, capaz de abrigar conjuntamente as condições objetivas da experiência e os correspondentes aspectos mentais e emocionais que definem o universo humano em seu intercâmbio com a natureza.

3. A ECOCRÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO: INTERLIGANDO *LIRISMO RURAL* E CERRADO POR MEIO DO MITO

A obra de Gilberto Mendonça Teles, *Lirismos Rural*, segundo o próprio autor, foi uma suma de tudo que ele já vivenciou como poeta e como pessoa. Lançada em novembro de 2017, já é, sem dúvida, uma seleção de poemas de alto padrão estético, que apresenta diversos *schèmes*, arquétipos, imagens e símbolos presentes na realidade do Cerrado brasileiro, apresentando, assim, potencialidade impar para a construção do imaginário do povo cerradeiro, através da elucidação dos mitos poéticos aí estabelecidos.

Nesse sentido, realizaremos a análise ecocrítica de *Lirismos Rural*, com objetivo de estabelecer interligação da obra do autor com o Cerrado brasileiro. Porém, toda construção do conhecimento é realizada por pessoas e ocorre aos poucos. Assim sendo, primeiramente, apresentaremos o autor e suas obras.

3.1. O ESCRITOR GMT

Definir GMT não é tarefa simples, porque o escritor e poeta goiano produz realidades pelo uso da poesia por delação ontológica. Possui obras poéticas que envolvem ficção ecológica-evolutiva, em um mundo emaranhado de *schèmes*, arquétipos, imagens e símbolos, formando os mais variados mitos poéticos. As obras do autor apresentam as contribuições do autor à literatura goiana. É ele um poeta que traz luz às questões existenciais do povo cerradeiro, através de suas diversas obras poéticas.

Partindo da análise ecocrítica de sua produção poética, abrimos espaço para que a literatura seja reconhecida, “utilizada” e contemplada por diversas outras áreas do conhecimento humano. Acreditamos, piamente, que suas obras serão palcos de muitas descobertas de mitos poéticos esquecidos na mais profunda existência da humanidade e que, ao serem lembrados, muitas realidades serão construídas e reconstruídas no imaginário das pessoas, que diariamente constroem e reconstroem seus mundos reais.

O autor nasceu em 1931, em Bela Vista de Goiás, no Estado de Goiás. Desde o início de sua vida produtiva, optou por ser poeta e crítico literário. Conhecido principalmente pelos seus importantes estudos sobre o modernismo e por sua vanguarda, no que se refere ao estudo da poesia goiana. Produziu trabalhos magníficos sobre a poesia, sempre, direta ou indiretamente, focado no Cerrado brasileiro. Em virtude de sua habilidade técnica, a poética de

Gilberto Mendonça Teles transita com bastante naturalidade entre um regionalismo de sabor originário e uma postura mais experimentalista de cunho universal como, por exemplo, o trabalho com a visualidade do poema, onde valoriza o signo e a materialidade da palavra.

Senhor de vastos recursos, jamais os retém como proprietário avaro ou inepto, nem os dissipa como um pródigo. É reconhecido nacional e internacionalmente como um bom semeador de ideias polidas e dadas de bandeja a quem realmente quer beber do conhecimento na fonte. De forma genial, conhece a boa medida e, através dela, vem talhando suas obras o que o colocou, sem sombra de dúvida, entre os melhores poetas de sua geração. Suas obras são caracterizadas por ser uma Poesia altamente intelectual, mas, também, como um bom poeta que é, sabe que a inteligência não vale a pena, se a alma é pequena. A título de exemplo, tivemos o grande prazer em verificar, através de seus poemas contidos em *Lirismo Rural*, a tradução ideal do equilíbrio entre essas duas forças.

3.2. AS OBRAS DE GMT

Ser poeta é ir além, é sair do convencional e criar o novo, é encantar. O autor produziu diversas obras com característica singular, criação digna de um gênio da poesia. Sua genialidade é visível e legítima, estando sempre nos surpreendendo, até mesmo em sua forma de apresentar suas obras, umbilicalmente, ligada ao Cerrado. Nesse quesito, em específico, o autor renovou, foi muito além, utilizou do *PAU-TERRA – Árvore do Cerrado* (Fig. 01), representação máxima desse bioma brasileiro, referência de vida e representação ecológica-evolutiva dos processos de manutenção da vida na Terra, conforme proposto por Charles Darwin em sua obra *A Origem das espécies*, em 1856.

Na construção de suas obras, GMT fez como Isaac Newton, primeiramente, apoiou-se em ombros de gigantes. Porém, não foi de qualquer gigante, o que pode ser observado a partir da figura emblemática e enigmática do Pau-Terra do Cerrado (Fig. 01), utilizada pelo poeta. Em seu tronco, há dizeres em grego, representando o berço do conhecimento, sobre o qual as obras de Gilberto Mendonça Teles estão apoiadas, sendo esse o “tronco” do saber, constructo universal do conhecimento em toda a sua concretude e contradições.

Chama-nos a atenção o fato de que é justamente o tronco do Pau-Terra o grande símbolo imagético do Cerrado, quase um mito poético, pois sua característica visível é justamente o principal símbolo presente no imaginário coletivo desse bioma, pois possui o tronco

extremamente escleromórfico, ou seja, essencialmente retorcido. Quem de nós, ao imaginar o cerrado, não o imaginamos repleto de plantas com seus troncos com casca grossa e retorcida?

A casca grossa desse tronco representa, no Cerrado, a resistência, a capacidade desse bioma em suportar a “agressividade” do fogo no momento das queimadas. E, nas obras de Gilberto Mendonça Teles, representa a força das mais diferentes formas de conhecimento construídas pela humanidade ao longo de toda a sua existência.

Entretanto, apesar da rispidez de seu tronco, o Pau-Terra é uma planta melífera e de madeira macia. A ideia de produzir o mel reflete na doçura presente nas obras do autor e no Cerrado. Representa a beleza sutil desse bioma, que adoça a cada segundo a vida do cerradeiro.

O tronco é de casca grossa, porém a madeira é macia, representando a resiliência desse bioma, em tolerar as mais “agressivas” adversidades naturais, tal como as queimadas, ao mesmo tempo que representa a maleabilidade dos habitats que permitem o surgimento e a proliferação das mais diferentes espécies aí existentes. Quanto as obras de GMT, essa maciez do tronco reflete as mais diferentes possibilidades aí expostas para a construção do imaginário, demonstrando o poder dessas obras poéticas em abrir ao diferente, estando sempre abertas às mais inusitadas interpretações e criação do real, a partir desse imaginário.

O criador cria, mas a criatura pertence ao mundo, assim é também para o poeta. A poesia criada poderá perpetuar no tempo, tornando-se eterna, perpassando, assim, a temporalidade humana do poeta. De forma majestosa, o autor utilizou-se do Pau Terra e da inscrição em grego, de forma realista e um tanto humilde, para dizer que suas obras são “Potenciais Artes”. Deixa, assim, que a humanidade, após suas leituras e releituras, reconheça por si só o potencial dessa que, ao nosso ver, são obras primas, verdadeiras obras de arte. Quanto ao Cerrado, o autor deixa símbolos, ocultos a alguns e revelados a outros, desse bioma que possui uma longa história ecológica-evolutiva, escondendo e revelando grandes conhecimentos a serem desbravados.

Nesse mesmo contexto, as obras do poeta representam as folhas do Pau-Terra e, uma das características dessa planta está exposto em seu próprio nome científico *Qualea grandiflora*, pois suas folhas são largas, deixando evidente que as obras do autor não revelam caminhos para o conhecimento, impedindo novas formas de pensar e construir. Pelo contrário, revelam o potencial poético, nelas contido, de revelar trilhas para a construção do conhecimento, abrindo novos caminhos jamais caminhados. Como diz o dito popular, dando a vara e ensinando a pescar, porém jamais dando o peixe já pescado. No que se refere ao Cerrado, as obras de GMT, representadas pelas folhas largas do Pau-Terra, fornecem-nos elementos para o entendimento de suas contradições, para entendê-lo em sua concretude. Entende-se, assim,

A partir dessa compreensão, primeiramente, realizamos a leitura do livro de poesia, *Alvorada*, de 1955, embora, em muitos casos, a primeira publicação de um autor nem sempre seja considerada como o seu ingresso ao mundo da poesia. Para o autor, as coisas foram diferentes, tornando essa obra, sem dúvida, a chave que abriu a porta para que ele adentrasse no mundo do seletivo grupo dos poetas.

Em “Teatro de Arena”, GMT, bem-humorado, brinca com expressões, tal como com a palavra "papel" e seus múltiplos significados. Em “Ludus”, como o próprio do título anuncia, mais uma vez eu-lírico do poeta joga com as palavras, "jogo de truque e blefe de poema". Em "Aqui e Agora" a brincadeira continua. É ela, na verdade, que dá o tom de todo o *Plural de Nuvens*.

Ao ler as diversas obras do autor, mesmo que, a princípio, seja de forma desinteressada, ou seja, apenas a título de conhecimento, percebemos o amadurecimento formal e técnico do eu-lírico do poeta, sem, no entanto, abandonar as conquistas vanguardistas e experimentais. Sua escrita procura aliar o amplo cabedal de conhecimento, que lhe confere a participação ativa na vida literária do país, tanto como poeta, quanto como ensaísta e professor, sempre com a disposição ímpar, de estar continuamente fazendo o novo, criando, dando vida aos mais diferentes mundos.

Em virtude de sua habilidade técnica, a poética do autor perpassa, com bastante naturalidade, do regionalismo, de sabor originário a uma postura mais experimentalista, de cunho universal. Podemos citar, como exemplo, seu trabalho com a visualidade do poema, onde valoriza o signo e a materialidade da palavra. (Significando). Isto significa que, devido ao cuidado com o sentido, seus poemas podem ocupar a página numa configuração gráfica de forma inusitada.

O autor passeia com facilidade pela construção de sonetos e de poemas de maior rigor métrico. Em *Saciologia Goiana*, percebemos o jogo com as palavras de forma clara. Mesmo sem o rigor de uma análise crítica, sua poesia impressiona positivamente o leitor, pela combinação de imagem, tons e cheiros que ultrapassam a concepção simplória, dando ao poema uma construção estética.

Além de sua vertente poética propriamente dita, destacam-se importantes ensaios sobre a poesia brasileira e seus poetas mais importantes. São poemas que estão muito além do ritmo e do papel. Seus poemas são ritmados e garantem, por exemplo, uma chique combinação de palavras, através de sua pontuação.

Lirismo Rural é, certamente, a “cereja do bolo” das obras do autor. Em seus poemas, além de verificarmos a perfeição poética, observamos a potencialidade de aguçar no leitor sua capacidade imaginética da realidade presente no Cerrado brasileiro. Em “Flores=Pássaros”, verificamos a facilidade adquirida pelo poeta nesse processo de criação, “um bando de pássaros se misturava às flores nativas”, expressando cenas do Cerrado como desenhos, metaforizando a temática em imagens, gerando, assim, suspense no decorrer de toda a obra.

Assim sendo, notamos que a poesia de Gilberto Mendonça Teles, em geral, e os poemas presentes em *Lirismo Rural*, em particular, possuem características plurais e originais. Os mitos poéticos do Cerrado representados na obra perpassam pelas vidas dos que aí habitam. E, de forma genial, o autor deixa em seus poemas espaços para que os mesmos transitem de forma imagética com o real. *Lirismo Rural* é uma obra de regresso imaginário do poeta ao Cerrado. Dessa forma, o poema que dá início à obra, intitulado “Nascimento de Sereno”, remete à vida de todo os seres vivos presente no bioma.

3.3. ANÁLISE ECOCRÍTICA DE *LIRISMO RURAL*

Diante da atual crise da biodiversidade do Cerrado, torna-se fundamental compreender os processos ecológicos-evolutivos que estruturou esse bioma e que hoje o governa. É nesse contexto do mundo real, que nasce Sereno do Cerrado:

NASCIMENTO DE SERENO

Era de madrugada, quando a mãe
começou a sentir as primeiras dores.

Sob o signo de Câncer, a Estrela-d'alva
prenunciava um céu de muita poesia
no equilíbrio dos semestres.

As nuvens começaram a ficar vermelhas,
como se alguém estivesse derramando
um sangue vivo no bioma do cerrado.

De repente Sereno apareceu na janela
e logo aprendeu a correr e a pular
- um Saci na rua Goiás de Bela Vista.

(GMT 2017, p. 26)

Na cena do nascimento de Sereno, retratada pela dor sentida por sua mãe, ainda na madrugada, diversos símbolos ligados ao Cerrado são apresentados poeticamente. A dor poética da contração representa, imagetivamente, a dor do próprio bioma, que está agonizando

pela perda de mais de 70% do seu *habitat* natural, representando, assim, além do surgimento de novas vidas, a dor de estar perdendo sua biodiversidade. De acordo com Charles Darwin, em sua obra *A Origem das espécies*, de 1856, a perda de espécies biológicas é um processo natural, pois essa é balanceado pelo surgimento de novas espécies. Entretanto, o processo de nascimento de Sereno inicia-se na madrugada, simbolizando que, no Cerrado, essa perda está acontecendo de forma prematura, e vem ocorrendo com velocidade maior que o tempo necessário para sua reposição, o que tem levado a um balanço dinâmico negativo. Demonstra-se, desse modo, que a capacidade de resiliência do Cerrado é limitada. O que está colocado nessa primeira estrofe é sentido no cotidiano do cerradeiro, através da percepção das mudanças no seu dia a dia, tais como os rios secando.

Entretanto, no início do segundo verso, temos a expressão “Sob o signo de Câncer”. Poeticamente, câncer é regido pelo elemento água e a cor desse signo é o branco, cor que representa a paz, a pureza, a limpeza e, também, a harmonia do corpo. Identificamos, assim, que há uma luz no fim do túnel, pois vislumbra-se a possibilidade do surgimento do mito poético construtivo, representado pelo céu de muita poesia, de muito encantamento e possibilidades. Quando trata do *equilíbrio dos semestres*, permite o devaneio da imaginação do leitor sobre o poder de decisão das plantas e animais do Cerrado.

Os seres vivos presentes no Cerrado carecem de precisão matemática nas suas decisões entre o florescer, o gestar e as chuvas esporádicas e escassas, características desse bioma. Qualquer erro de cálculo leva ao desperdício das energias para a reprodução. É preciso que haja o equilíbrio do tempo, para que, no exato momento, os frutos sejam contemplados pela chuva, lançando suas sementes no tempo correto, para que possam prosperar, assim como os animais devem ter seus filhotes no tempo exato dos frutos maduros, para não faltar a eles alimentos para as novas vidas que iniciam. Tudo na natureza do Cerrado demanda um equilíbrio do ser e de sua conexão com tudo que o rodeia.

A terceira estrofe do poema conecta com o Cerrado de diversas maneiras. O vermelhidão das nuvens, como se fosse derramamento de sangue pelo cerrado, pode representar, de uma forma imagética, as queimadas sazonais que ocorrem nesse bioma e que são extremamente importantes para a sua manutenção como um todo. Esse conhecimento guarda em si um dos mais importantes mitos poéticos do cerrado, no sentido de criador do conhecimento. Ecológico-evolutivamente, sabemos que o fogo, que ocorre de forma natural no Cerrado, seleciona positivamente as plantas características desse bioma, que, por terem casca

grossa e raízes profundas, são resistentes a essas queimadas. E, mais importante ainda, é que sem essas queimadas espontâneas o Cerrado jamais existiria.

Na última estrofe do poema, em que Sereno salta pela janela de repente e logo aprende a correr e pular, demonstra que essas queimadas devem ser passageiras e esporádicas, deixando perceptível que, quando o homem introduz queimadas antrópicas, a resiliência e a resistência do Cerrado são ineficientes, o que induz à morte de seres vivos, com a consequente perda da biodiversidade. A introdução das queimadas antrópicas, como destruidora da vida no bioma, está brilhantemente representada pela presença do Saci na estrofe, que, poeticamente, são atribuídas a ele as coisas que não estão corretas.

Observamos, (assim) desse modo, que a poesia presente nesse primeiro poema de *Lirismo Rural* não concebe o mal em termos de culpa ou como um erro e, sim, concebe o bem como fruto do conhecimento, sendo, portanto, responsabilidade de toda a humanidade. Nesse sentido, é uma poesia muito mais no sentido do mito poético, pois sendo aberta, não sugere nenhum juízo de valor moral, permitindo ao leitor sua própria construção imagética.

No poema “Aprendizagem”, é descrito o momento em que Sereno adentra, pela primeira vez, no mundo da sexualidade, representando o celeiro de vidas que é o bioma Cerrado, onde essas vidas transmitem, por si e para si, toda a complexidade desse bioma. Faz-se alusão à primavera, quando aí ocorre, momento em que a fertilidade está aguçada, fazendo abundar a vida no Cerrado:

APRENDIZAGEM

Sereno tinha seis anos. A prima,
que ia morar em outra cidade, tinha oito.
Dia de muito calor, a meninada
foi tomar banho no ribeirão das grimpas,
todo mundo pelado.

Ela foi até ele, tomou-o pela mão,
Deitou-se no chão e o deitou por cima
de seu corpinho ainda cheio de areia.
E lhe falou ofegante: - Mete!

[Muitos anos se passaram até que Sereno
Leu o poema ‘Infância’, de Belo Belo,
do grande poeta Manuel Bandeira.]

(GMT 2017, p. 28)

A vida no Cerrado é sempre urgente, necessitando de muita expertise para a manutenção das espécies biológicas. O poema opera em uma metalinguagem poética, por meio da qual ocorre um dinamismo que vai do interno para o externo. A cena reproduzida por Sereno

representa, no Cerrado, a manutenção do bioma, tendo essa grande parte do segundo maior reservatório de águas doce do planeta, o Aquífero de Guarani.

O poeta reconhece-se ao invocar a infância. Se a criança representa a pureza e o poeta é uma criança, ele também mostra essa visão. Posteriormente, representa, em suas palavras, que o cerrado, em sua pureza, também é a representação dessa infância poética. A infância exerce uma representação existencial, que retém as imagens perdidas na vida adulta e que a poesia recupera para o eu-lírico.

Nesta imagem, a criança assume a renovação permanente da esperança de viver, um valor mítico que reúne todos os valores essenciais à vida. A criança é, então, o símbolo da poesia, sendo essa o símbolo da infância. Dessa forma, o poema é uma metalinguagem do ciclo de fertilidade do Cerrado que, de forma um tanto “ingênua”, mas extremamente eficaz, cria suas próprias formas de perpetuação dos seus genes para a posteridade.

Quando o poeta se refere a Manuel Bandeira, ele invoca os mitos heroicos da infância. Neste poema, os mitos não se referem às pessoas, mas ao Cerrado e suas atividades que ensinam o mito e dá lições de infância. O mito da infância está presente em todas as culturas na idade do ouro, representando, assim, a pureza. Podemos perceber que a referência mítica que o poeta dá à infância cria uma visão imagética com consistência poética muito significativa, ao atrelarmos a imagem do próprio cerrado que precisa de um olhar atencioso e protetor como a própria infância que, carregada de imagens, traz à tona um encantamento que leva o poeta a transformar em palavras os encantos do Cerrado, projetado na infância fértil de sonhos e imaginário que desdobram em possibilidades, e que se perdem na fase adulta do ser humano.

O verdadeiro Cerradeiro, povo simples, muitas vezes desconhece termos técnico-científicos como bioma, ecorregião, ou mesmo, *Hotspots*, mas sabem que o Cerrado brasileiro seria melhor denominado “os Cerrados”. O poema “Linguajar” apresenta a ideia da diversidade ecológica-evolutiva desse bioma, deixando claro ao leitor que, ao falar de Cerrado, estamos tratando de um mosaico florístico-faunístico. E é, justamente, essa diversidade de *habitat* que proporciona ao Cerrado essa explosão de vida, representada por sua riqueza biológica, onde abundam desde plantas até mamíferos.

Para Sereno, o Cerrado é o significante da realidade do povo cerradeiro. Sendo assim, o “Sertão” é o significado ecológico-evolutivo do cerrado. Na segunda estrofe do poema, Sereno descreve a imensidão do Cerrado, dando noção espacial geográfica da abrangência desse bioma, que se estende por mais de dois milhões de quilômetros quadrados, sendo representado em

quinze Estados brasileiros e no Distrito Federal. Esse fato, por si só, remete-nos, imagetivamente, à noção de tamanho, desse que é o segundo maior bioma do Brasil.

No último verso, é retratada a dinâmica mitológica do povo cerradeiro que, apesar de parecer somente mais uma estrutura social, vai muito além, fazendo parte também dessa que é a estrutura ecológica-evolutiva do bioma.

Dessa forma, o ambiente do Cerrado é mostrado não como um espaço selvagem ou idealizado, mas, sim, como um lugar singular e, ao mesmo tempo, plural, ocupado por gente com gente dentro. Gente que transforma o ambiente e a si mesmo no dia a dia, com atividades produtivas que são integradas ao crescimento das divisas dos Estados. E, ao mesmo tempo é possível visualizar a nostalgia das paisagens rurais, preservadas em suas histórias e em seus mitos, desde as colheitas coletivas até as comemorações peculiares dos povos cerradeiros:

LINGUAJAR

A Goiandira Ortiz

Para Sereno, o cerrado é o significante
real do Sertão: o seu sentido florístico
articula o ritmo da prosa, da conversa fiada;
dá suporte ao toque da viola, à flauta de bambu;
estimula o cavalo, a canoa, a cartucheira,
a tralha de pescaria e a beleza da morena
que faz a vida ser um mundo bão demais da conta.

- Ô trem custoso! esta saudade dos fundões
do Mato Grosso, do Tocantins, do Goiás,
da Bahia e das Minas - dos espaços
que se desdobram pelo Oeste de São Paulo!

- Dô conta não! Exclama feliz o pião
na porteira, olhando o gado que vai
para o pasto mais verde da invernoada.
Ao mesmo tempo,
atento à tristeza do berrante,
percebe que seu pensamento galopa
na direção da moça goiana que conheceu
num baile de catira do sertão.

(GMT 2017, p.30)

Em “O Rumor” são retratadas as peculiaridades das noites cerradeiras. O poema traz em si o sentimento do cerradeiro) por seus mitos, que foram criados e recriados através da sua relação com a natureza:

O RUMOR

Sem nuvem, um céu limpo e tranquilo

redobra o brilho do luar
sobre as folhas ásperas da lobeira
e do capim gordura que se alastra
pelo chão até se perder de vista.

Ao relento, sob a névoa noturna,
as gotas do serenô da madrugada
vêm caindo, vêm molhando
o chapéu de feltro de Sereno
que, ante o rumor, dedilha
o silêncio do ermo no cerrado.

Depois, solfeja em surdina:
-- 'Cai, cai, sereno, devagarinho,
meu amor está dormindo'.

(GMT, 2017, p. 32)

O sereno é um dos mistérios que povoam a imaginação dos povos do Cerrado, de amores, de saudades, de aventura e de vida que são tecidos nas relações do homem com o sereno das noites cerradeiras. Faz mal o sereno da noite; faz bem o sereno da madrugada, dizem os cerradeiros. Os muitos mitos do sereno, vêm ao encontro das ideias sobre a necessidade de conservação e preservação do Cerrado. A caça noturna pode pegar desprevenidos os andantes da noite. Mas os cerradeiros transformam-nas em mitos para mostrar, através da imaginação, essas realidades vivenciadas. As madrugadas, em que todos os caçadores vão repousar, o sereno faz bem e podemos (assim) andar pelos campos sem perigos.

A ideia de céu limpo e tranquilo retrata, ecologicamente, o inverso dos céus poluídos das grandes cidades. Imageticamente, aguça o imaginário para o processo de vida e sobrevivência do Cerrado, não somente para assegurar a biodiversidade, mas, também, como uma necessidade humana.

O poema abre possibilidades, não apenas de mostrar o Cerrado superficialmente, mas de ver o que está entre o barulho da chuva e o silêncio das coisas invisíveis aos olhares mais desatentos. Quando adentramos na poesia, podemos ver, refletido em suas linhas invisíveis, as histórias dos mitos que o povo do Cerrado vivencia. Dessa forma, a poesia leva o leitor a conhecer as histórias que, contadas e recontadas, são passadas de gerações a gerações e que têm levado os cerradeiros a uma postura respeitosa, frente aos mistérios da vida na natureza.

Algo está falando em voz baixa e, ouvir essas vozes através de uma leitura poética do Cerrado, potencializa as possibilidades de preservar e conservar o bioma. Sendo assim, esse poema é universal, convidando a todos a adentrarem, como partícipes da construção e reconstrução do Cerrado. Renovam-se, assim, as esperanças de perpetuação dos processos

ecológicos-evolutivos aí presentes e contribuem para a construção de imaginário que possibilita a manutenção da vida do bioma.

O cochicho da inquietação, que se alastra em murmúrio, leva-nos à concepção do ato crítico, permitindo-nos entender que existem muitas realidades nas arenas das vidas ditas “pacíficas” do Cerrado. Isso demonstra a importância das teias ecológicas presentes nesse mosaico de vidas.

A vida no Cerrado utiliza-se das mais diversas artimanhas ecológicas para garantir sua sobrevivência e, conseqüentemente, conservar e preservar sua biodiversidade, desde imitar folhas, tons ou outros entes animados e, até mesmo, inanimados, escondendo-se por entre e dentre as folhas e galhos, rochedos e grotões. E, assim como a vida imita a arte, a arte imita a vida e da mesma forma que ocorre no Cerrado, ocorre também em *Lirismo Rural*. Na obra poética, essa arte da imitação de mão dupla está retratada no poema “O Eco”.

O poema guarda e esconde em si a ideia científica de mimetismo ecológico, entendido como a artimanha da imitação, como forma de esconder-se dos predadores ou mesmo para espreitar suas presas. Essas vidas, que espreitam, trazem consigo muitas imagens que os cerradeiros transformam em mitos, perpetuando, assim, suas histórias e construindo seus mundos através da fertilidade do imaginário. Dessa forma, o Cerrado age como um Eco, devolvendo ao homem aquilo que ele emite:

O ECO

Encostou a bicicleta na porteira
e olhou para a casa da fazenda.
Numa das janelas azuis o relance
da moça se escondendo.

Bateu palmas,
veio a dona da casa:
- Vamos chegando. Como vai seu pai?
- Passa bem, manda lembranças.
- Aceita um café? Tem biscoito de queijo.
- Obrigado, aceito sim, esperançoso de rever
a silhueta invisível da janela.

No quarto ao lado, a moça
fingia não ouvir a conversa da sala.

- Até outro dia, se Deus quiser - Sereno se despedia.
- Até outro dia, se Deus quiser - o eco o imitava
no quarto ao lado.

(GMT, 2017, p. 36)

Esse eco remete o povo cerradeiro às suas mais longínquas lembranças, conforme retratado no poema “Caderno” que destaca a capacidade desse povo de construir histórias e mitos através dos momentos vividos junto ao Cerrado:

CADERNO

Encontro no seu caderno de aula os nomes
de alguns amigos de infância:

- O mais antigo: Zezinho, de Bela Vista,
brincava de carrinho.
- O mais levado: Neném da D. Joaquina,
de Hidrolândia, brincava de esconder.
- O amigo prático: Euclides, de Braz Abrantes,
sabia fazer bodoque e estilingue.
- O amigo protetor: William, de Inhumas,
defendia-o de quem lhe queria bater.
- O colega e amigo do Ateneu: Raul,
a quem Sereno deu aula de aritmética
e de quem ganhou, como pagamento,
as Obras completas de Junqueira Freire,
a primeira a entrar na sua estante.

Mas lá estavam também - mal riscados -
os nomes de alguns ‘amigos de infância’.

(GMT, 2017, p.42)

Afinal, assim como os amigos que, de forma peculiar são lembrados por características próprias individualmente, podemos analisar as vidas do Cerrado como seres únicos e com características próprias, pois cada vida tem sua representatividade e importância no bioma como um todo. Demonstra-se, assim, que nenhuma vida substitui outra, nas artimanhas das relações naturais e nas definições dos padrões e processos ecológicos-evolutivos já estabelecidos nesse bioma. Poeticamente, o poema retrata o processo ecológico conhecido como diversidade funcional das espécies, retratando que cada espécie possui característica peculiar na manutenção do bioma.

Dessa maneira, é destacada a forma como homem e natureza interligam-se e interagem, numa complexa simbiose, com a expertise e a maestria na superação dos obstáculos em comum. Assim como nas relações ecológicas, nas relações sociais, a vida no Cerrado é marcada pela vida em comunidade e uma das melhores coisas da vida é comer comida gostosa com pessoas que amamos. Essa máxima, é muito bem compreendida pelo povo cerradeiro, o que é apresentado no poema “Pamonha”:

PAMONHA

Havia tempo que a comadre Geralda
convidava para uma pamonhada no sítio.
Serenio, que já estudava no Liceu,
foi a contragosto: Estava mais inclinado
aos bailes de sábado no DCE e a ver
os belos tornozelos da Rosermina.

Mas ficou por ali, atento à conversa
bem alegre das mulheres:
– O milharal está uma beleza, dá gosto.
Vou mandar quebrar uma mão de milho,
será que dá, ele está bem granado!?
– Acho que dá demais, e vai sobrar.

Virando-se para Serenio: – Por que
você não vai se divertir um pouco?
E Lirinha, mais que depressa: – Eu também vou.
E foram com o empregado, que sumiu no milharal
e os deixou brincando de correr...

Na volta, Serenio lhe cochichou, amorosamente:
– Você não é nada pamonha, hem Lirinha!?

(GMT, 2017, p. 50)

A pamonha é uma das comidas mais tradicionais do “sertão” goiano. As reuniões para a feitura da pamonha é uma das maiores alegrias nas vidas do povo do Cerrado em tempos de frutos maduros. É justamente em momentos assim, de reuniões, que as histórias dos mitos são repassadas de pais para filhos e de forma comunitária, o que está muito bem retratada no poema “Pamonha”.

A fartura no Cerrado em tempos de pamonha retrata o período de fertilidade, retratando o poder biológico da vida no Cerrado. Tempos de frutos do Cerrado é ecologicamente o tempo dos flertes, dos namoros e das construções dos ninhos, dos acasalamentos para que as novas vidas possam alimentar-se dos frutos que, em breve, abundará no bioma. Brincar no milharal reflete a vida no Cerrado, as brincadeiras dos acasalamentos que despertam no “sertão” as mais belas histórias que o imaginário do cerradeiro converte em mitos, dando-lhes significados no mundo vivido. A poesia de *Lirismo Rural* desperta essas histórias, muitas vezes esquecidas, deixando, assim, que surjam as mais variadas possibilidades de construir e reconstruir os mais diferentes mundos, de acordo com a individualidade imaginativa do povo cerradeiro.

O poema “Tempos de Menino” retrata, ecologicamente, a imagem do Cerrado e suas formas de superação das mais variadas agressões ambientais que vem sofrendo, principalmente nas últimas décadas. A mãe natureza nem sempre devolve ao homem o mal sofrido. Surge a imagem das vidas que se adaptam e criam sempre novas possibilidades de sobressair dos

intemperes vividos. O poema rememora as histórias da infância em que a vida seguia, de forma despretensiosa, e mostra o comprometimento das mães do cerrado, remetendo ao poder natural de proteção que a mãe natureza dispensa a todos os seus seres viventes:

TEMPO DE MENINO

Sereno começou a nos falar
das pescarias do tempo de menino:

Não havia como arrancar minhoca,
o jeito era matar dois pintinhos
para fazer isca. A galinha, esperta,
os levou para debaixo do espinheiro.
Mas alguém se lembrou do estilingue
e resolveu a questão.

E lá fomos nós, pelo pasto, os pescadores
de onze anos no sol quente do cerrado,
procurando um poço no rio Meia Ponte.

De repente, uma vaca com bezerrinho novo
investiu ferozmente contra o grupo
que, em debandada, se escapou ofegante,
com as calças rasgadas no arame farpado.

(GMT, 2017, p. 40)

Já no poema “Economia Doméstica”, é retratada a problemática das queimadas, sempre presentes no Cerrado. Essa temática não é tratada de forma velada, mas, sim, poeticamente sobre o “sertão”, representada, aqui, pela luz da lamparina. Atualmente, a maioria das queimadas não ocorre de forma natural, mas são utilizadas para abrir espaços para as plantações domésticas. E é justamente essa forma de intervenção humana que tem levado à destruição das características naturais do Cerrado. Os versos revelam que Sereno se valia da luz de querosene para prosseguir seus estudos após as 22hs:

ECONOMIA DOMÉSTICA

Naquela época as coisas não andavam bem
e o pai pediu para economizar luz elétrica,
água no banho e gastos supérfluos, decretando:
-- A luz vai ser desligada às 10 / 22 horas.

Acontece que Sereno cursava o Científico
e, durante o dia, além do trabalho, se dedicava
zelosamente aos exercícios de aula.
O seu momento de leitura era à noite.

Depois que a única lâmpada era desligada,

ele se valia da luz de querosene.
Lia recostado no travesseiro: a lamparina
no peito, a mão esquerda segurando
o livro e a direita fazendo anotações.

Um dia se descuidou e dormiu: acordou
com o fogo na camisa e nas páginas
de El hombre mediocre, cujo exemplar
encadernado ainda filosofa chamuscado
na sua biblioteca.

(GMT, 2017, p. 52)

O poema expressa, através da utilização da retórica das questões financeiras, a necessidade do uso racional dos recursos naturais. O “ensinamento”, aqui, não é o da economia por mesquinha, mas tão somente para a necessidade da conscientização ecológica. A máxima da necessidade de conhecer para conservar e preservar vem retratada nos versos desse poema. Chama a atenção para as dificuldades de Sereno no sentido de apoderar do conhecimento, o que é retratado na penúltima estrofe. Mitologicamente, representa sua eterna busca pelo saber sobre as funcionalidades ecológicas do Cerrado.

No término do poema, Sereno representa o processo de queimadas antrópicas no Cerrado, que podem ocorrer por descuidos ou mesmo por necessidade legítima do povo cerradeiro. Relata-se, assim, a problemática da proliferação incontrolada dessas queimadas, quase sempre na crença de que o Cerrado precisa de queimadas antrópicas para sobreviver quando, na verdade, a falta de conhecimento dos processos ecológicos-evolutivos que estruturam o bioma, induz o homem a produzir dor, devastação e extinção de espécies que aí habitam, levando à perda da biodiversidade.

Poeticamente, abre espaço para a imaginação de que, mesmo o fogo, que a tudo “Chamusca no Cerrado”, não destrói o potencial dessa floresta inversa de responder à adversidade. Demonstra-se, portanto que as vidas cerradeiras, resistentes, ainda persistem após o fogo que a quase tudo consome. Dessa forma, fica evidenciada no poema a ideia ecológica de resiliência ambiental apresentada por esse bioma.

O fogo do Cerrado fascina pelo simples fato de existir por ele mesmo e por representar outros fogos. Mitologicamente, ele deriva de Prometeu, que o roubou dos deuses do Olimpo, dando-o aos homens. Nesse caso específico, o mito tem o poder de substituir a carência de racionalidade nas explicações para os fatos do dia a dia. Sendo assim, ele exerce a magnífica função de permitir que possamos viver e explicar o que nos rodeia, mesmo sem o conhecimento científico disponível. Assim, a imaginação torna-se uma forma de ver a realidade e dela fazer possibilidades de novas realidades. As realidades não existentes, ou talvez não aparentes, são

invocadas, criadas e recriadas pela imaginação, pois o presente só existe devido ao imaginário dos antepassados, se assim não fosse, nós não seríamos capazes de projetar um outro tempo.

De fato, os mitos martelam diariamente na memória do cerradeiro, perpetuando-se a partir de suas crenças na força e no poder da natureza. O poder do fogo não passa despercebido no poema, devido à infinidade de imagens que ele é capaz de formar, contribuindo para perpetuar os mitos na imaginação dos habitantes daquele espaço. O fogo, sempre presente no Cerrado, é um dos mais importantes mitos, com potencialidade para salvar ou destruir esse bioma.

Em “Sestro”, é apresentada a ideia da força do hábito, responsável por maximizar os resultados das ações humanas, através da “automatização do homem”, ou seja, através da criação da “homem máquina”. Representa-se, assim, o poder que o inconsciente humano exerce sobre sua capacidade de realizar as tarefas do dia a dia, em detrimento da perda de controle que homem exerce sobre o seu agir consciente, na eterna busca da lei do menor esforço.

Sereno retrata, nesse poema, a possibilidade do surgimento do hábito destrutivo do homem no Cerrado, que muitas vezes surge e propaga de forma inconsciente, reiterando, dessa forma, a necessidade da poesia, como mecanismo formador construtivo do agir humano, assumindo para si a responsabilidade de conservar e preservar os processos e as relações ecológicas-evolutivas e socioculturais presentes nesse bioma. Porém, jamais como um interventor divino, que tudo pode, sempre prevalecendo seus desejos e vontades, mas, sim, como agente copartícipe desses processos e relações de construção e reconstrução.

SESTRO

Todo mundo tem a sua mania, quase sempre ignorada: fazer estalido com a boca, tocar na pessoa com quem está falando, catar cisquinhos no chão e mamar na língua.

Este, Sereno conserva desde criança: basta estar distraído, o pensamento longe, que a boca se entreabre, a ponta da língua aparece e se cola no lábio superior. Aí, nem ele mesmo percebe, extasiado.

Isto explica porque em algumas fotos costuma se mostrar de boca aberta: basta o fotógrafo demorar uns segundos e Sereno se volta à dourada inconsciência do paraíso que perdeu na infância.

(GMT, 2017, p. 54)

Fatos interessantes da vida humana, relacionados diretamente à manutenção do Cerrado, são narrados em “Vida Literária”. Em diversas situações, a ideia de conservação e preservação desse bioma é colocada como se fosse diametralmente oposta à ideia de prosperidade econômica local:

VIDA LITERÁRIA

Sereno contava numa pescaria: Meu primeiro poema no jornal, ‘Terno enleio’, dizia que ‘nafraguei na ilha de teu seio’. Feliz, dei um exemplar à minha Chefe na repartição, com caprichada dedicatória, começo de uma bela e triste história.

Dias depois, ao chegar ao trabalho, um sujeito parrudo me esperava na porta: – Foi você quem escreveu esta coisa para a minha noiva?

Adeus glória de autor na manhã clara! Sem esperar resposta, foi rasgando a folha do jornal na minha cara

(GMT, 2017, p. 56)

Como no poema, no mundo real, muitas vezes, boas intenções conservacionistas são mal interpretadas, perdendo-se no tempo ótimas oportunidades de enriquecimento da relação de convívio entre o homem e a natureza. Quase sempre, o meio ambiente do Cerrado é o mais penalizado, pois a luta por sua conservação e preservação se dá contra a força econômica do sistema industrial do agronegócio. E, assim como no poema, o inocente é quem paga pelo poder da ignorância e pela falta de conhecimento frente às decisões tomadas.

No poema “Tempo”, é retratada a perda da “magia” construtiva da infância, que é um dos maiores segredos que constrói a vida humana. Após perdermos a magia da infância, ao adentrarmos no mundo adulto dos compromissos, o tempo torna-se o senhor de tudo, transformando a tudo e a todos a todo momento. Por sua vez, do ponto de vista das vidas do Cerrado, o que se nota, principalmente ao longo das últimas décadas, é uma mudança antropocêntrica destrutiva progressiva, através da substituição da forma de agricultura familiar pelo modelo de latifúndios destrutivos do agronegócio, sem o devido planejamento sustentável. São destruídos, assim, os *habitats* e os nichos ecológicos naturais, mudando a paisagem rural e deformando o tempo dos processos, levando, conseqüentemente, à mudança nos padrões ecológicos-evolutivos:

TEMPO

Quando Sereno era pequeno e adolescente
 não via o tempo -- massa cinzenta coisa de vento
 transparência de dia e de noite aniversário
 fogueira de São João e festa de Natal.

Mais tarde descobriu alguns nomes difíceis
 -- solstício, equinócio, outono e verão --,
 mas já driblava a rapidez da semana
 e, pelas frutas, a mudança dos meses.

Percebeu que tudo tinha a ver com o tempo,
 lâmina cega que cortava o invisível,
 que às vezes chovia, dava saudade
 e até esperança do dia de São Nunca.

Hoje, ele vê o tempo inteiro, concluído:
 algo que vai perdendo o seu sentido.

(GMT, 2017, p. 66)

Na infância, o tempo não é computado, não existindo preocupação com seus efeitos, representando, no Cerrado, seu funcionamento anterior às mudanças causadas pelo homem. Naqueles tempos, a dinâmica dos padrões e processos ecológicos-evolutivos ocorriam de maneira natural, fazendo com que esses não carecessem de preocupações. Porém, a preocupação humana com o tempo torna-se fundamental no mundo dos adultos, refletindo o mesmo com o Cerrado da atualidade, retratando, assim, a necessidade de entender processos e padrões que, em conjunto, definem e delineiam o Cerrado.

Na segunda estrofe do poema, é apresentada a capacidade do povo cerraderio de ler e entender o tempo, a partir dos símbolos aparentes no cotidiano do Cerrado, demonstrando que a ciência apenas transcreve, para a sua complexa forma de descrição, os fenômenos naturais que ocorrem no dia a dia do povo cerradeiro.

Na terceira estrofe do poema, é apresentada a compreensão de que tudo que acontece no mundo físico tem a ver com o tempo e que, somente através da imaginação libertamo-nos do mesmo, permitindo-nos cortar o invisível e, assim, transitar pelo presente, passado e futuro. Essa é, portanto, a característica que torna o ser humano diferente de todos os outros seres vivos do planeta Terra, tornando-nos esperançosos a respeito do futuro do Cerrado, devido ao potencial da humanidade de construir e reconstruir o mundo desejado.

Na última estrofe, fica evidente que mesmo a aquisição da maturidade pelo homem é temporal, pois somente após um longo tempo conseguimos realizar esse passeio pelo próprio

tempo, em busca da origem da vida e do sentido de nossa existência e do o bioma Cerrado como um todo.

Essa compreensão do poder do tempo, em modificar o mundo vivido, é apresentada no poema “Rupestre”, ao demonstrar que mesmo dizeres referentes ao amor verdadeiro e entalhado na casca de uma árvore do Cerrado será apagado e esquecido.

Ao reavivar a memória do povo cerradeiro, através da vivência de Sereno do Cerrado, rememorando o passado e entrando em contato consigo mesmo, ecocriticamente, o poema, eterniza o Cerrado nas páginas do mundo:

RUPESTRE

No espesso do maciço, entre pedras,
Sereno encontrou uma inscrição curiosa
numa das árvores enrugadas do cerrado:
Te-amo-te.

Analisou-a e chegou à conclusão de que
alguém quis exprimir um amor absoluto.
Viu depois que se juntou outra palavra
para realçar o objeto que ficara ausente:
Te amo-te, Menina.

Passados anos, a árvore cresceu, engrossou,
e seus galhos retorcidos e cheios de folhas
acabaram apagando quase toda a inscrição,
deixando apenas, entre pedras, o am-
da raiz de Amor.

(GMT, 2017, p. 68)

“Rupestre” é um adjetivo que deriva do vocábulo latino *rupes*, que se pode traduzir por “pedra”, sendo, portanto, a arte de escrever nas pedras. Ao poetizar a arte dos amantes de deixar registrado seus sentimentos, abre uma fresta para a descrição do amor dentro do Cerrado. Amor de rocha, impenetrável, forte e que em tempos de abundância da vida, foi registrado no tronco robusto da árvore torta do Cerrado, como um termo do amor absoluto e que, mesmo com o passar do tempo que tudo destrói, não destrói a raiz do amor. Essa metáfora do amor raiz remete ao sentido da vida dessa floresta inversa, que mesmo o tempo e as intemperes da vida difícil desse bioma tão particular, que enfrenta fogo, falta de chuva, conserva suas raízes intactas pela profundidade de suas vidas inversas:

FEITIÇO

Aluno das Faculdades de Direito e de Letras,
Sereno possuía a plenitude dos dezenove anos,
escrevia poemas e se orgulhava do seu único

terno de linho branco e da sua também
única camisa branca de mangas compridas.

Uma vizinha, cujo marido vivia entretido
com as suas fazendas, pegou o hábito de
ir conversar com Sereno, pedindo-lhe
mostrasse seus poemas. Com o tempo
adquiriu a liberdade de entrar no seu quarto
e ela mesma ler os mais recentes.

D. Celuta não sabia mais o que fazer, mas chamou
o filho e lhe disse que não ficava bem mulher
casada no seu quarto. O melhor era ela esperar
na sala e ele levar os poemas para lá.

Por essa época, seus colegas organizaram
um baile no Jóquei Clube. Logo que soube,
a mãe tratou de passar o terno de linho
e lavar a camisa de mangas compridas,
estendendo-a no arame do quintal.

Qual não foi o espanto da mãe ao recolher a roupa,
e ver que a manga esquerda da camisa tinha sete nós,
do punho ao ombro, seguidamente.

Com medo de terem feito algum feitiço,
chamou o filho e lhe mostrou os nós.
Nem quiseram saber da origem deles.
Chegaram logo à conclusão de que o mais certo
era não tocar neles, e jogar a camisa no lixo.

Sereno não foi à festa e ficou por muito
tempo sem vestir o seu terno de linho
que acabou não lhe servindo mais:

Signo de uma ‘paixão’,
virou pano de chão
para limpar os feitiços de Goiás.

(GMT, 2017, p. 74-76)

Mesmo no contexto da *rupes*, a abstração poética permite ao povo do Cerrado elucubrações como representado no poema “Feitiço”. Aí, é descrita uma das mitologias mais reconhecidas pelos povos do Cerrado, o medo do desconhecido e dos poderes ocultos que permeiam seus imaginários que, mesmo após conhecer a ciência e suas desmistificações, ainda permanece no cotidiano desse povo, a crença nas forças superiores que regem as vidas no Cerrado. Representa-se o espaço desconhecido e, portanto, inexplorado, não explicado racionalmente, tornando-se matéria poética, traduzível em sistema de símbolos humanos transcendentais, homem mistério, com espaço para o inefável, o sublime, o desconhecido.

É justamente ao ser transposto para o plano poético-linguístico (condição para depois devir) que o imaginário do Cerrado se torna “tecido mágico”. De mesmo étimo que texto, do

latim *textum*, o tecido é uma textualidade constituída por fios que se organizam conforme a mão do tecelão, o qual faz do algodão ou da lã elementos naturais, signos de cultura. Do mesmo modo, o poeta transforma o Cerrado e suas crenças no mágico e no feitiço em tecido poético.

Na última estrofe do poema, após verificar os traços do feitiço e do medo do desconhecido, conclui-se que o melhor é não tocar em algo que não está desvendado. No caso do Cerrado, esse medo do desconhecido faz muitas vítimas, pois, ao desconhecer os reais padrões das relações ecológicas-evolutivas, entre as vidas que vivem nesse bioma, podemos tomar decisões desastrosas do ponto de vista de conservação e preservação do bioma em suas concretudes e contradições.

Dessa forma, fica retratada a importância da poesia e de seus mitos, pois ela e eles funcionam como ponto de partida para a construção dos mundos, trazendo, em si, a possibilidade do despertar da humanidade. Cada pessoa detém poder próprio de resgate de seus mitos poéticos, fundamentais na construção sociocultural e ecológico-evolutiva do Cerrado. Nesse sentido, os poemas de *Lirismo Rural* podem resgatar os mais diferentes mitos poéticos do povo do Cerrado. E, conforme retratado na última estrofe do poema *Cor Local*, o cerradeiro compreende, poeticamente e na prática, a beleza oculta do Cerrado brasileiro e as características ecológicas-evolutivas a elas subjacentes:

COR LOCAL

No meio do capim dourado do Jalapão
o turista fica encantado com bolsas,
pratos, potes, cestos, pulseiras e sapatos,
a bela indústria artesanal do cerrado.

Só não vê a singeleza da florinha roxa,
do mosquitinho azul, da lagartinha verde
e o vermelho quase invisível do inseto
que aparece curioso no capim dourado.

Rinconado no seu habitat natural,
tudo o que é simples tem outra dimensão:
só o turista não vê nunca a cor local,
nem a beleza oculta do Jalapão.

(GMT, 2017, p. 86)

A compreensão desses padrões é fundamental para entender o funcionamento ecossistêmico do Cerrado. O poema retrata o comércio local, em harmonia com a natureza. Nesse sentido, o poema retrata a principal característica existente na ideia de conservação do Cerrado, quando o homem utiliza sustentavelmente as potencialidades do meio ambiente, diferenciando, assim, da ideia de preservação, que deve ser aplicada a ambientes extremamente

vulneráveis, pois não permite a convivência do homem, devendo, nesse caso, manter os *habitats* naturalmente preservados.

A ideia de que a resiliência dos *habitats* do Cerrado não é igualmente distribuída ao longo do bioma e nem mesmo entre as espécies é retratada no poema *Muriçoca*. Na segunda estrofe, a ideia da fragilidade do fiapo de flanela ao fogo da lamparina coloca uma luz sobre o entendimento da resistência das espécies ao fogo no Cerrado, demonstrando ser falsa a ideia de que todas as espécies são igualmente resistentes às queimadas. Parte das dores desse bioma advém, justamente, da fragilidade dessas espécies em responder às queimadas, perdendo, assim, suas vidas e em muitos casos sendo extintas:

MURIÇOCA

À beira-rio, enquanto rio
de alguém que conta uma potoca,
pode-se ouvir no desvario
o cantochim da muriçoca.

Música fina, feminina,
fino fiapo de flanela,
que não respeita lamparina
nem repelente na canela.

Qualquer que seja o nome, o tipo
(pernilongo / carapanã),
sua bicada deixa um chip
para de noite, e de manhã.

Pelo seu som vindo no breu,
na musiquinha que decoro,
invejo o índio que lhe deu
o nome de animal sonoro.

(GMT, 2017, p. 90)

Nessa mesma trilha, o poema mostra que a agressividade natural do Cerrado ocorre em todos os lugares e a todo momento demonstrando, dessa forma, que a ideia de calma da natureza só existe na mente dos desinformados. Conforme proposto por Charles Darwin, o que aí existe é uma constante luta pela vida, e o que vemos hoje no Cerrado é o resultado histórico, ao longo dos milhões e milhões de anos da sobrevivência dos mais aptos, revelando, desse modo, ser o ápice do processo evolutivo, estando, portanto, ecologicamente e evolutivamente adaptados aos seus *habitats* específicos.

Nesse sentido, os *habitats* do Cerrado podem melhor ser representados pelas características representativas dos seres vivos. Em “Pontos Cardeais”, o poder da natureza é

demonstrado, a partir de explicações ecológicas-evolutivas naturais para os pontos cardeais, em detrimento das explicações geográficas:

PONTOS CARDEAIS

Os pontos cardeais do cerrado
têm de ser vistos, não pelo espaço
comum da linguagem geográfica,
mas pela anatomia natural do tempo
que se divide em gêneros e espécies
na fartura natural das coisas do planalto.

Pode-se, por exemplo, reunir espaço e tempo
como formas de grandezas inter-relativas
e apresentar assim os quatro pontos extremos
das árvores, das frutas, dos animais e dos peixes:

O ponto mais alto das árvores:
aroeira pau-d'arco pau-terra pequiizeiro.

A beleza das frutas:
mangaba ata jabuticaba araticum.

O máximo dos animais:
anta veado lobo ema e seriema.

A mudez, o silêncio dos peixes:
lambari piau papa-terra pintado.

Tudo o mais se curva, genuflexo,
ante o impulso vital da natureza.

(GMT, 2017, p. 92)

Nesse contexto, é questionada a funcionalidade de temas cientificamente estabelecidos no bioma Cerrado, pois, devido à heterogeneidade ambiental dessa região geográfica, ela seria mais corretamente definida como biomas ou, mesmo, Cerrados (Fig. 2-9). O poema introduz a ideia de ecorregiões, que melhor explica a realidade da distribuição da vida no Cerrado brasileiro. Esse entendimento permite melhor estabelecer os padrões ecológicos-evolutivos do bioma, permitindo, dessa forma, a melhor realização de planejamentos de conservação e preservação.

Entretanto, a vida que abunda no Cerrado não é infundável, o que é demonstrado na segunda e terceira estrofes do poema “O Pé-de-Pau”. Nesse ponto, é relatado o poder predatório das ações humanas sobre a biodiversidade natural do Cerrado:

O PÉ-DE-PAU

Não se trata de uma árvore qualquer:

é um pequiheiro, árvore grossa dos cerrados
e cuja flor [completando o Aurélio] é muito apreciada
pelos veados campeiros ou galheiros,
também conhecidos por suçupara,
antigo nome de Bela Vista de Goiás.

Então, em setembro e outubro, os caçadores
se aninhavam nos galhos mais baixos
e ficavam de tocaia, à espera do tímido animal
que vinha comer as flores oleosas do pequi.

Era uma caçada covarde dos tempos passados
que serviu para eliminar grande parte da fauna
no mato ralo do cerrado.

Sereno costuma citar um pequeno poema
que alude, ao mesmo tempo, aos espinhos
ocultos num fulvo caroço de pequi
e à sombra erótica do pequiheiro:

Passeio de namorados,
sombra de pé de pequi:
Ante os céus dos meus cuidados,
peguei a fruta e comi.

(GMT, 20017, p. 96)

Nesse sentido, o poema retrata também características visíveis do Cerrado, tais como aqueles presentes nos pequiheiros, como sua grossa casca. Porém, o que chama a atenção são as relações subjacentes àquelas, como as relações ecológicas harmônicas interespecíficas, fundamentais para a manutenção da persistência das espécies que dela participam. A ideia dos espinhos presentes no caroço de pequi guarda, em si, a máxima proteção dos embriões contidos no caroço, remetendo ecológico-evolutivamente à ideia de propagação da semente, pois o pequiheiro, assim como diversas outras plantas do Cerrado, fornece seus saborosos frutos “em troca” da propagação de suas sementes, em um processo ecologicamente conhecido como disseminação.

As relações ecológicas-evolutivas presentes no Cerrado são complexas ao extremo. Elas jamais cessam, ou seja, ocorrem tanto durante o dia, quanto à noite. Porém, o silêncio da noite adiciona um ar de mistério às relações ecológicas, que ocorrem nesse período no Cerrado, tornando-as em fonte eterna dos mais diferentes mitos. Nesse contexto, entender os mistérios das relações intraespecíficas, aquelas ocorridas entre os indivíduos da mesma espécie, caracterizados pelas questões comportamentais e pelas interespecíficas entre espécies diferentes é que propõe o poema “Noturno”:

NOTURNO

A noite do cerrado chega pé ante pé:
anuncia seus pequenos estalidos
e o rumor do que ainda voa indeciso
antes de se espalhar pela folhagem.

Devagar, ela convida a onça parda
e o lobo guará que se deita no poente;
e vai suavemente recompondo
o fascínio do mundo e seu mistério.

Há vozes que se calam, revoada
de pássaros invisíveis em direção
a um céu tão estrelado que dá gosto
esperar o risco de uma estrela cadente
ou a rota horizontal de um satélite.

Sereno aprecia as sombras da noite,
sua capacidade de reunir os homens
e molhar suas falas com a 'legítima'
fonte dos melhores momentos noturnos.

O mundo parece reduzir-se à noite:
casos de assombração, jogo de truco
e a ternura da mulher que se despede
para aguardar o amor do companheiro.

(GMT, 2017, p. 110)

As características particulares das noites cerradeiras convidam o povo do Cerrado a reviver as histórias que perpetuam os mitos locais, responsáveis por construir parte importante da identidade sociocultural desse bioma. Na voz poética, os mitos cerradeiros se transformam potencialmente em mitos poéticos em “Pesca de Rio”, permitindo, assim, a perpetuação do viver particular do povo do Cerrado.

Utilizando-se da realidade das veredas, tipo de formação vegetal do Cerrado que ocorre nas florestas de galeria (Fig. 07), são apresentadas as interações ecológicas entre o ecossistema de água doce e terrestre do Cerrado brasileiro. Essa visão é apresentada, poeticamente, em “à beira de um poço que se refugia na mata fechada”, tecendo, desse modo, a conexão ecológica-evolutiva da vida, formando e caracterizando as teias ecológicas. A essência dessa compreensão é parte fundamental para entendermos o entrelaçar da vida no planeta. As cadeias ecológicas interagem em um eterno entrelaçar, trocando minerais e matéria orgânica, fundamentais para a manutenção da vida no Cerrado. Essa mesma ideia remete, ainda, à importância hídrica do Cerrado brasileiro, localização da maior parte do Aquífero do Guarani, considerado o segundo maior reservatório natural de água doce do mundo, com capacidade de abastecer a população brasileira atual por cerca de 2.500 anos:

PESCA DE RIO

Embora vivendo à beira-mar,
Serenio não está acostumado
à pesca marinha -- mar a dentro
no enjoo do balanço de onda a onda.

Ama a pesca fluvial -- os rios do cerrado,
a monotonia do calor que de tardezinha
sabe se refrescar e tornar agradável
o silêncio da brisa no Planalto.

À beira de um poço, na curva do rio
que se refugia na mata fechada,
com milho, minhoca e fruta de gameleira,
os anzóis apropriados e muita paciência
(além da caixa de água, laranja e cerveja)
o pescador goiano se vê bem preparado
para o piau e o pintado, menos para a piranha
e o tracajá que só servem para roubar a isca.

Um dia os três amigos pescavam no Araguaia.
Todos pegavam, menos Sereno, às voltas
com garranchos, linhas e anzóis embaraçados.
Pois não é que passa a lancha do Zé Mário
e o convida para conhecer os lagos da região?

Serenio olha para os amigos, guarda a tralha e se vai.
-- Livrou-se garbosamente do feio que fazia,
comenta um dos seus velhos amigos.

(GMT, 2017, p. 116)

O saudosismo de Sereno revela a paixão do cerradeiro pelo Cerrado, que permanece eternamente no coração de seu povo. A biodiversidade do Cerrado é apresentada como riqueza particular, pertencente aos mais diferentes reinos de seres vivos, deste o reino *Plantae*, até o *Animlia*, passando pelo reino *Pisces*. A complexidade da vida no Cerrado reflete a necessidade do domínio de técnicas específicas para a sobrevivência das mais diferentes espécies. Mesmo estando no mesmo local e nas mesmas condições, Sereno, talvez devido à falta de prática, está “enferrujado”, não conseguindo pescar como os outros.

Pescar pode ser relaxante e prazeroso, porém, devido à fragilidade dos ecossistemas de água doce, para sua execução, é necessária a compreensão ecológica-evolutiva dos processos que estruturam as populações de pescados, desde tempo e local da desova, até tamanho mínimo necessário para a reprodução e perpetuação das espécies e, assim, minimizar o impacto das pescas, na manutenção da população de pescado. Essa ideia ecológica é retratada no poema “Cardume”. Nesse poema, são descritas as relações do homem em harmonia com a natureza, remetendo à simbiose dos seres que habitam o Cerrado, poetizando a respeito da relação

homens, animais e vegetais presentes no bioma. A comunicação e a fiscalização visam, justamente, conservar e preservar, protegendo os *habitats* e, conseqüentemente, seus peixes. A importância de preservar o bioma, seus rios, *habitat* e espécies é exaltada no decorrer do poema:

CARDUMES

A Ubirajara Abboutt

Em julho, às margens plácidas do Araguaia,
além do intolerável vai-e-vem de esquis, barcos e lanchas,
convivem tolerantes com os mitos ribeirinhos,
um dos quais o da famigerada notícia dos cardumes:

- Na semana passada havia um cardume de pias nas Cangas.
- Dizem que está chegando um de matrinhãs no Landi.
- Pegamos mais de cem pintados num cardume dos Bandeirantes.

Cada notícia acende o desejo do turista-pescador que, afinal,
lança a sua linha nas águas rasas de um cardume, sem pressentir
a fiscalização da guarda fluvial que se aproxima e pergunta:

- Os senhores sabem que é proibido pescar nos cardumes?
- Aqui está o auto de infração. Por favor, assine-o.
- E boa pescaria, mas noutra lugar.

Rio Araguaia, 15.7.2016.

(GMT, 2017, p. 118)

O alerta para a necessidade de conservação e preservação ambiental do Cerrado faz sentido, devido à expansão humana naquele espaço, que em 2018 ultrapassou os 25 milhões de pessoas. Apesar de ser retratada como positiva, do ponto de vista sociocultural-econômico, no poema “O Beijo”, seu impacto ambiental negativo é inquestionável, retratando, assim, a incompreensão acerca do Cerrado brasileiro, por parte de pessoas que vivem fora do demonstra que, mesmo quem vive em situações ecológicas-evolutivas semelhantes em outros biomas do país estranha as características locais do Cerrado. Esse fato se explica porque que, no passado, o Cerrado era considerado o “patinho feio” dos biomas brasileiros. Naquela época, pensava-se que esse bioma era ecologicamente e evolutivamente pobre, com pouca diversidade de espécies. Sabemos, hoje, ser diametralmente o oposto, pois sendo o Cerrado um *Hotspots* de diversidade, ele apresenta, por exemplo, no mínimo, 1500 espécies de plantas endêmicas, aquelas encontradas apenas nesse bioma, refletindo, dessa forma, a importância de sua conservação e preservação.

O poema retrata, ainda, o êxodo rural, a partir da mecanização do campo, processo que gerou divisas econômicas para o povo do Cerrado, ao mesmo tempo em que provocou desigualdade social e degradação ambiental sem precedentes. Porém, de acordo com o poema,

o sentido maior da cultura do povo cerradeiro continua latente, no fundo de suas almas, bem como na forma de agir e de se comportar:

O BEIJO

Goiânia é uma bela e próspera cidade do Planalto Central. Tem cerca de dois milhões de habitantes e, desde 1942, a capital oficial do Estado de Goiás.

Há oitenta anos atrás, a capital do Estado era a cidade de Goiás: -- ‘Goiás, capital Goiás’, assim como a cidade de São Paulo é a capital do Estado de São Paulo e o Rio de Janeiro, capital do Rio de Janeiro. Mas o curioso é que algumas pessoas no Rio achavam estranho Goiás ser capital do estado de Goiás...

Goiânia foi construída, batizada, cresceu e trouxe da zona rural

(das roças, das fazendas, onde se ‘vivia de cócoras’, como afirmou Pedro Ludovico no lançamento da pedra fundamental)

o sentido maior da sua cultura, latente no interior das almas, das casas e da linguagem.

É por isso que lhe digo, meu caro Sereno:
Se você telefonar ou escrever a uma mulher goiana (seja solteira, casada, viúva ou desquitada; seja da Capital ou do interior), tenha lá muito cuidado ao despedir-se:

Não vá mandar ‘beijo’,
que isso ainda é uma palavra tabu e significa
que você está com más intenções
e pode até motivar um crime passional,
como se deu com Americano do Brasil.
-- Mande apenas abraço, e estamos conversados.

(GMT, 2017, p. 126)

Esse fato é retratado no poema “Reforma”. Para Sereno, independentemente do tamanho da propriedade rural, caso tenha sido herdada, lá estará o jeito cerradeiro de lidar com os sinais ambientais do Cerrado, refletindo a força dos mitos no cotidiano de um povo. Dessa forma, o poema retrata o poder dos hábitos construídos e enraizados, ao longo das gerações, sobre o agir do homem no Cerrado. Na segunda estrofe, é relatado o processo de destruição ambiental no preparo do solo para o agronegócio o que demonstra o mecanismo de exploração rural, explicando, dessa forma, as raízes da desigualdade social no campo. Na terceira estrofe, é relatada a importância das políticas públicas para a conquista da justiça social na zona rural, no

sentido de dar terra a quem produz, sempre garantido a dignidade individual e coletiva do povo cerradoeiro.

A terra é entendida como fonte de dignidade no que se refere à sua propriedade, também pode ser entendida como elemento constituinte da natureza, como proposto por Gaston Bachelard e retratado no poema “Reforma”:

REFORMA

Para Sereno, os pequenos e os grandes proprietários de terras do Cerrado, às vezes herdadas de tataravós e tradicionais bandeirantes, seguem ao pé da letra o calendário natural das águas e das secas para o movimento do gado e de suas roças e fazendas.

Como é vasta a quantidade de alqueires desmatados, o negócio é recorrer a um trabalhador rural e estabelecer com ele o regime de meeiro, tipo de parceria agrícola em que o produtor acaba levando prejuízo, devido à ganância do dono da terra, como bem se pode ler em Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis.

O governo federal -- o das terras devolutas -- podia muito bem dividir a sua parte e distribuí-la, não aos ‘sem-terra’, mas aos que a fazem produzir e garantir com isso o princípio da justiça social.

Mas é preciso não esquecer que a boa política está em relação direta com a vida comum na região: É preciso dar ao pequeno proprietário os meios de subsistência -- saúde, escola, transporte e lazer, além de ensinar-lhe a cultivar uma boa horta para o sustento diário da família.

(GMT, 2017, p. 146)

Em “Predição”, é mencionado um outro elemento dessa mesma natureza, que é o calor do sol, representando o fogo, em referência ao sol do meio dia em que existe uma verticalidade da luz, refletindo a imensidão do cerrado para dentro de si mesmo e para a inversão da floresta que, pelo reflexo da luz solar, incide-se sobre si mesma.) O que acha???

Ao meio dia, o sol a pino, direcionando a sombra para a própria figura, sendo que as luzes desse período expandem, intensificando e dando vasão à projeção do cerrado pra dentro da terra e a do eu-lírico em si mesmo, o que faz refletir a sua busca pela verdade que, segundo Aristóteles, está dentro do próprio indivíduo. O eu-lírico volta-se para dentro de si, o que está representado, através da sombra envolta da própria árvore do Cerrado, projetando, assim, a ideia de floresta invertida. Nesse bioma, a representação da vida abaixo do solo chega a ser de

mais de 30 metros de profundidade, abrigando, dessa forma, diversas formas de seres vivos, formando um verdadeiro ecossistema.

Na terceira estrofe, o eu-lírico é trazido para fora de si, através dos sons da floresta, significando que, ao trazer o imaginado através da ação para a realidade, torna-se possível construir o que foi outrora desejado. É dessa forma que os mais diferentes mundos são construídos e retratados na realidade do povo cerradoeiro:

PREDIÇÃO

Por volta do meio-dia, quando os raios do sol
caem verticalmente sobre a imensidão do cerrado
e a luz meridiana intensifica a sombra das coisas,
Serenos, que vinha de uma longa caminhada,
resolveu descansar debaixo de um ipê florido.

Encostou-se no tronco, semicerrou as pálpebras
e só se deu conta da realidade quando um bando
de maritacas pousou na algazarra da árvore.

Abriu os olhos e lhe pareceu que, nos galhos,
havia um vulto de mulher gritando alguma coisa.
Limpou os óculos e olhou firmemente para cima:
Lá estava uma maritaca repetindo: -- Serena! Serena!
como se adivinhasse a sua falta de companhia.

(GMT, 2017, p. 166)

O despertar do povo cerradoeiro ocorre de diversas maneiras, dentre elas, destaca-se a ideia de integração. O Cerrado não está isolado dos outros biomas tais como Pantanal, conforme demonstrado no poema “Esperteza de”. O referido poema retrata o processo de integração ecológica, informando sobre a necessidade de entender os biomas mundiais em sua totalidade, de formação única, cada qual com sua importância e peculiaridade. Parte da riqueza do bioma limítrofe ao Cerrado é retratado no poema:

ESPERTEZA DE

Homem do Cerrado, Serenos resolveu
conhecer o Pantanal do Mato Grosso.

Pesquisou no Google uma pousada,
sentiu a mordomia oferecida: transporte
de ida e volta a partir do aeroporto
de Corumbá, tralha de pesca e pessoa
para acompanhar de barco o turista.

Tudo correu muito bem: passeio a cavalo,
contato (de longe) com aves e bichos,
farta comida e, à tarde, diariamente,

a seleção do melhor da pescaria.

Na volta ao Rio, pagou ao pantaneiro
as despesas e lhe deu uma boa gorjeta.
Ah! mas quando chegou e foi exhibir
o seu tempo de laser, só encontrou
os rabos e as cabeças dos peixes no isopor.

(GMT, 2017, p. 122)

Diversas espécies que habitam o Cerrado se valem da artimanha de aproveitar do trabalho dos outros para se apropriarem de seus sustentos, em um processo denominado ecologicamente de escravagismo. Esse processo, apesar de socialmente desonesto, é praticado na natureza, integrando o corpo de explicações ecológicas, para o estabelecimento e persistência do Cerrado.

Uma das mais antigas práticas humanas de obtenção de alimentos é a pesca que, em *Lirismo Rural*, encontra-se bem representada no poema e “Piquenique”. Na primeira estrofe, ocorre o processo de partilha e colaboração entre Sereno e seus amigos, fazendo refletir um importante processo ecológico natural, conhecido como cooperação. No Cerrado, nem tudo é briga e luta pela sobrevivência. Nesse bioma, diversas espécies coexistem em sistema de cooperação, seja por mutualismo, onde há interdependências entre elas ou na cooperação, onde não há tal dependência:

PIQUENIQUE

O casal amigo resolveu fazer uma pescaria
familiar: só os quatro no rio Turvo.
Domiciano entrou com a gasolina, e o Dauphine
de Sereno se esforçou para levar toda a tralha:
-- gente, anzóis, iscas, barraca e comida.

No meio do caminho a pedra foi a descoberta
de que a carne do churrasco havia ficado no *freezer*:
o jeito foi parar numa venda na beira da estrada
e comprar presunto: mas só havia uma latinha.
O almoço teria de ser pão, presunto (poupado)
e tomate, além da laranja imprescindível
para o almoço frugal de um piquenique.

Descarregado tudo, preparados os anzóis,
os homens foram para a beira do rio
e as mulheres se encantavam com algumas
pequenas e cheirosas flores do cerrado.

Foi então que se ouviu o ganido de um cachorro:
ele farejava o acampamento, achou o presunto aberto
e tanto fuçou que ficou com a lata presa no focinho:
corremos atrás dele, mas fugiu e se escondeu no mato.

-- Lá vai a nossa comida pulando,

lembrou o amigo que havia lido Hans Staden...

(GMT, 2017, p. 120)

Na segunda estrofe do poema, encontramos representada a ideia do improviso de que se vale o homem, assim como na vida no Cerrado a planta necessita de uma simples pedrinha para proliferar e gerar novas vidas, através de um mecanismo ecológico-evolutivo representado pelo improviso que é o epifitismo. Esse é o mecanismo de relação harmônica entre duas plantas ou algas que ocorre nos casos em que uma planta vive sobre a outra utilizando-se apenas de apoio e sem dela retirar nutrientes e sem estabelecer contato com o solo.

Já nos dois últimos versos, fica retratado o mecanismo ecológico do parasitismo, que ocorre entre diversos seres vivos do Cerrado brasileiro. Nesses casos, são aquelas relações de convivência em que um indivíduo se instala sobre outro e se alimenta de seus nutrientes, assim como o cãozinho, o “gatuno” esperto do poema.

A ideia ecológica do mimetismo, que é uma característica adaptativa de animais ou plantas de imitar outro organismo para obter vantagens, é retratada na terceira estrofe do poema “O conhecido. Esse mecanismo ecológico-evolutivo é um dos mais importantes para a manutenção e estruturação da distribuição geográfica das espécies do Cerrado. Porém, assim como no poema, ele não é um mecanismo perfeito e diversas espécies desenvolveram mecanismo de resposta eficiente a esse blefe, assim como os perspicazes perdiz, jacu, jaó e inhambu:

O CONHECIDO

No princípio, ele vivia no seu canto,
meio triste, um ilustre desconhecido,
mas sonhava ser um herói como Macunaíma.

Para isso só vivia pensando em namorar
e, para se dar bem, aprendeu alguns ofícios
-- tocar viola, imitar os animais e assobiar --,
Distraíndo assim a algazarra da mata virgem.

Assobiava tão bem que os pássaros
vinham fazer com ele um belo dueto,
menos as aves -- perdiz, jacu, jaó e a inhambu
que morriam de medo de ser comidas por ele.

Um dia, porém, resolveu conhecer gente
e foi aí que se deu mal: em vez de só namorar
apaixonou-se, casou-se e ganhou o seu troféu:
-- Era agora muito conhecido.

(GMT, 2017, p. 128)

Na natureza, se esconder e disfarçar, ou seja, parecer ser o que, na verdade, não é, pode ser uma estratégia extremamente eficiente, assim como na cultura humana. Porém, para o homem, que é um ser social, o reconhecimento fornece diversas oportunidades de convívio, facilitando, inclusive, a execução do processo biológico da reprodução. Dessa forma, o poema retrata a problemática da invisibilidade social, extremamente presente no dia a dia do povo cerradoeiro.

Apaixonar, casar e ganhar o troféu representa, mitologicamente, a ideia de monogamia sempre presente em diversas espécies do mundo natural, refletindo que, tanto no mundo real quanto no mundo natural, do ponto de vista de perpetuação da espécie, o que realmente importa é a reprodução, com a formação de descendentes. Essa ideia é a essência do processo evolutivo que, em poucas palavras, pode ser definido como processo reprodutivo diferenciado, estando mais adaptados os indivíduos que deixarem mais descendentes. Dessa forma, as relações ecológicas-evolutivas que constituíram e, hoje, representam o Cerrado brasileiro são complexas e exigem muitas reflexões para que se entenda sua representação da realidade do mundo vivido pelo cerradoeiro.

Nesse contexto de complexidade, que tende ao infinito, é que a compreensão dos mitos poéticos se torna fundamental. E esses só podem ser acessados pelos seres humanos, devido à sua capacidade reflexiva, conforme representado no poema “O Pensador”:

O PENSADOR

De tanto pensar na língua, Sereno confessou
que estava desiludido com o vazio das palavras:
-- Achei que o mais acertado era sair por aí
e comprar algumas, que assim só poderiam
ser faladas ou escritas por mim. Se alguém
as pronunciasse, teria de pagar direitos de usança.

O problema é que não encontrava nunca o verdadeiro
dono da língua. Ele ouviu toda classe de profissionais:
do advogado ao escrevente e deste aos políticos,
que só discutiam coisas de acordo ortográfico;
os escritores, esses apenas falaram do *condomínio*
da língua: são ‘donos’ apenas de uma parte dela.

(Esqueci-me de dizer – completava Sereno –
que ouvi também professores da língua
portuguesa, muitos dos quais se sentiam ‘donos’:
uma me disse que, só pensando nas regras,
nunca atinou com o sentido literário da palavra,
tanto que não aprendeu a escrever,
só a corrigir...)

Diante do impasse, Sereno desistiu de comprar,

pensou em alugar e chegou a roubar algumas
que lhe enchiam a boca d'água: *madrugada,*
entusiasmo, horizonte, silêncio e Tegucigalpa.
(Um dia telefonou a João Cabral só para falar
com alguém que morava naquela cidade.)

Um tanto desiludido, apelou para a pesca;
selecionou anzóis para as agudas e graves,
valeu-se de um especial para as esdrúxulas
e sentou-se à margem direita da bacia platina.

-- Milagre! alguém gritou quando o viu
andando sobre as águas do Paraná, enquanto
seu viveiro ia ficando cada vez mais cheio
de *piaus, pintados, matrinchãs e dourados,*
nomes de aparência comum e que, no entanto,
lhe devolviam o sentido absoluto da Palavra,
a prístina essência da coisa nominada
a plenitude do Verbo, no corpo a corpo da linguagem.
(Grifos do autor)
(GMT, 2017, 142-143)

O poder de pensar é que faz dos seres humanos diferentes de todos os seres vivos presentes no mundo natural. O poema retrata a dificuldade que temos em expressar todos os sentimentos e que, no mundo natural, há mais a ser explicado do que o perceptível por nossos sentidos. Assim como na ausência de donos das palavras, também o é com o Cerrado. Isso demonstra que o bioma pertence a toda a humanidade e o que fazemos a ele, hoje, irá, direta ou indiretamente, refletir em todos os seres vivos do planeta espacialmente e temporalmente. Pessoas distantes sentirão as consequências de ações do povo cerradoeiro.

As palavras e seus conceitos subjacentes são representações humanas da realidade natural, permitindo ao homem expressar e comunicar sobre si e sobre o mundo natural. É essa capacidade humana, que apesar de não ser única, é muito mais bem elaborada do que a presente no mundo natural, tornando-a responsável direto pela conservação e preservação do Cerrado brasileiro. Pois é, através dela, que se constroem os intrincados caminhos da ciência, como a mais poderosa “ferramenta” de reconhecimento e representação da realidade. E é, justamente aí, na linha tênue, que separa o racional do irracional, que encontra o poder da intuição humana, ponto de ação e criação dos mais diferentes mitos poéticos, poder “supremo” humano de criar, modificar e recriar seus mundos.

No poema “Teleologia”, é evidenciado esse poder de criação humana, através das pesquisas de Sereno, realizadas em suas horas vagas. Nos aspectos da Terra telúrica, Sereno representa a presença do homem no Cerrado, através de sua ação agropastoril, sem, no entanto, condenar ou tecer juízo de valor sobre tais ações. Pelo contrário, retrata a possibilidade de convívio homem/natureza vivendo, conservando e preservando as riquezas naturais do bioma.

O “anonimato” da presença do homem no Cerrado, ou seja, o convívio no sentido de aproveitar sua riqueza natural sem a destruir é representado pela presença não percebida de Sereno ao subir o rio, em sua trajetória rumo à beleza desse bioma simbolizando o encontro pacífico entre homem e natureza, sempre através de um relacionamento harmonioso. Da mesma forma, é retratada, no poema, a imensidão do Cerrado, configurando, assim, seus mais de dois milhões de quilômetros quadrados e sua representação em diversos Estados brasileiros. Demonstra-se, portanto, a importância do conhecimento para as ações humanas, no sentido de suprir suas necessidades sem destruir os ambientes naturais, que são de extrema importância para a manutenção da vida.

Na segunda parte do poema “Teleologia”, é retratada a essência da ideia do poder da imagem para a construção do imaginário coletivo da humanidade, conforme preconizado por Durand em seus estudos. Através do imaginário, Sereno poderia sentir emoções e representá-las, através dos sentidos físicos, dando sentido e existência às imagens representativas de características típicas do Cerrado.

A peculiaridade do verso “o doce açucarado das negras jabuticabas” pode estar no fato de que as jabuticabas possuem características peculiares, sendo nativas e representativas do Brasil, existindo apenas aqui. Dessa forma, é expressa a ideia de unicidade do Cerrado, bem como o fato que o tornou um *Hotspots* da biodiversidade, a presença de diversas espécies endêmicas, únicas dessa região geográfica:

TELEOLOGIA

1.

Nas horas vagas, Sereno pesquisa:

Por volta de 1550 já havia Teles na Bahia.
Atraídos pelo telúrico da terra, a criação do gado
e a descoberta do ouro, foram anonimamente
subindo o rio São Francisco na direção mais bela
do cerrado: passaram por Jacobina, rezaram
em Bom Jesus da Lapa, pescaram em Pirapora,
passaram por Montes Claros e atingiram
as nascentes na serra da Canastra.

Daí penetraram o sertão da Farinha Podre,
e chegaram, enfim, a Goiás, levando como guia
uma cópia da imagem do Senhor do Bonfim,
origem do antigo nome da cidade de Silvânia.

Seguindo o curso do sol na marcha para Oeste
e no roteiro antigo das civilizações,
doaram terras para a fundação do arraial
da atual cidade de Bela Vista de Goiás,
que também se estende para Oeste, tentando barrar

no Aborrecido, no Caldas, ou no Meia-Ponte,
os inevitáveis tentáculos da expansão da Capital.

2.

Além do friozinho da manhã em que nasceu
e do relincho do cavalo amarrado
na porta da loja do seu pai, ele guardava
de Bela Vista algumas imagens nítidas:
o cheiro áspero das folhas de fumo no jardim
o doce açúcarado das negras jabuticabas
e a beleza dos olhos azuis de alguma prima.

Apesar de intuir a poesia natural daqueles campos,
me disse que nunca viu nem ouviu o mítico murmúrio
dos ‘buritizais sussurrantes’, metáfora
que lhe servia apenas para tentar nobilitar
o linguajar matuto divulgado como autêntico
pela mídia radiofônica de Goiânia.
Bela Vista de Goiás, 10.10.2015.

(GMT, 2017, p. 162-163)

Já na última estrofe do poema, é retratado o poder da intuição, representação perceptiva do subconsciente, através da poesia para a construção do mito poético. Através dos “buritizais sussurrantes”, as histórias são tecidas, buscando retratar o poder imaginativo da humanidade em construir histórias vividas a partir de elementos naturais recebidos através dos sentidos.

O desejo criativo do homem tem suas raízes no primórdio da vida, tendo sido essa refletida, metaforicamente, por Charles Darwin, através da árvore da vida, ainda em 1856. Na obra poética, essa figura é representada pelo PAU-TERRA – Árvore do Cerrado (Fig. 01), sendo essa a melhor simbologia imagética para configurar a ligação de *Lirismo Rural*, em particular, e as obras poéticas, em geral, com o Cerrado. Representa-se, assim, mais que a vida poética do menino do Cerrado, pois, na verdade, demonstra o conhecimento produzido pela humanidade durante toda sua existência.

Enigmaticamente, as raízes da árvore não estão reproduzidas na figura imagética, retratando a característica particular da poesia de interligar o conhecimento oculto dos seres humanos, aquele conhecimento que só podemos acessar através do imaginário criativo, ao que está visível, representado pela razão. Dessa forma, a construção poética de *Lirismo Rural* evidencia a característica que faz com que o Cerrado brasileiro seja conhecido como uma floresta invertida, pois à parte dessa que vemos sobre o solo, outra está sendo mantida pelas raízes profundas das plantas sob o solo e todo o ecossistema por elas criado e preservado, podendo, em alguns casos, atingir até 30 metros de profundidade.

Dessa forma, tanto no Cerrado quanto na relação poesia-conhecimento, o visível está totalmente na dependência do não visível. A capacidade de conhecer e entender o não visível das duas relações, é, justamente, o que torna os seres humanos diferenciados de todos os outros seres vivos de nosso planeta. E, é daí que surge a importância do mito poético, pois ele é esse agente de interligação presente na humanidade, tornando-o dessa forma, o construtor do belo poético. Em sua ausência, a essência do conhecimento, tanto poético quanto o da realidade do Cerrado, torna-se inacessível. Portanto, a ação poética construtiva e o imaginativo do leitor são primordiais aos seres humanos, pois eles são os agentes que abrem as frestas do conhecimento, desbravando as terras do Cerrado.

Na “Pequena Odisseia” de *Lirismo Rural*, inspirada na *Iliada*, de Homero, em anexo a esses estudos, trata do poema épico, narrando as aventuras de deuses, heróis e mortais durante os dez anos da guerra de Troia, antecipando a *Odisseia*, narrativa que trata do retorno do astuto Odisseu para Ítaca, após os acontecimentos em terreno troiano. Dessa forma, o poeta abre a imaginação para a trajetória do eu-lírico no poema “Pequena Odisseia” pelo Cerrado goiano, numa saga de acontecimentos regados pela vida difícil e, ao mesmo tempo, prazerosa. Essa vida é caracterizada pela falta de conforto e pela dificuldade de acesso aos produtos tecnológicos no “cerradão” goiano, na década de 50, vivida por Sereno do Cerrado.

Já no primeiro ato, Sereno é indicado para uma aventura pelo “Sertão” de Goiás em 1956, na região Leste-Nordeste do Estado, naquela época, uma região ainda muito selvagem e de poucos recursos tecnológicos. Entretanto, apesar da adversidade, Sereno percorre Goiás nos seus quatro pontos cardeais, representando, assim, a persistência da vida em zonas inóspitas do Cerrado brasileiro.

Os conflitos do “herói” poético principiam na chegada da última embarcação. E, a partir daí toda essa odisséia ocorre no fértil terreno do Cerrado. A obra *Iliada*, inspiradora do poema, é importante para a compreensão dos processos socioculturais e ecológicos-evolutivos, por tratar de questões comuns aos seres humanos e à natureza como um todo, tais como a exploração do trabalho no agronegócio, a navegação, a hospitalidade, os calendários e orientações sobre o clima e o tempo. Nesse quesito, Sereno encontra-se em terreno fértil para rememorar o eu-lírico em sua saga pelo Cerrado. Um outro ponto importante é a representação da moral da época de Homero, um período em que não havia nem bem nem mal, tampouco recriminações ou elogios. Em suma, uma cultura diferente da nossa, mesmo com todas as ressonâncias, ela se torna bastante próxima de algumas ideais do povo cerradeiro. Os heróis da epopeia homérica são guiados pelos princípios de honra, virtude e glória. Isso é o que leva

Sereno a desenvolver sua própria Epopeia, demonstrando sua ligação histórica-evolutiva com os heróis mitológicos da Grécia Antiga.

Como pode ser observado na segunda estrofe do poema, a *Íliada* que inspira Sereno do Cerrado tem uma estrutura do poema bélico e bem elaborado. Com estética apurada, dando suporte à obra em sua concretude e contradição, carregando, em si, grandioso impacto narrativo, relata histórias consideradas universais pelos literatas. A presença dos elementos dessa história universal é, também, percebida na “Pequena Epopeia” de Sereno do Cerrado, pois simbolizam as demandas do povo do “sertão”. Porém, não no sentido heroico da Grécia Antiga, mas, sim, representando a dessacralização do herói, levando-o ao patamar do homem comum que, nas suas labutas no mundo real, sem os poderes dos deuses, também faz da vida uma verdadeira obra de arte. Sentimentos universais como a amizade, a honra, o respeito, as lutas pela manutenção das raízes, da conservação da família e dos costumes, fazem parte do que convencionalmente concebemos como “Alma humana”, também estão presentes na “Pequena Odisseia” de Sereno. Esses sentimentos universais são responsáveis pelo sucesso do eu-lírico, na jornada e pela premiação, ao final da epopeia, como ser construtor do seu destino, conquistando a sabedoria e apoderando-se das forças invisíveis presentes no Cerrado.

Com um narrador onipresente, objetivo e discreto, a “Pequena Odisseia” de Sereno reflete o papel da obra poética de informar e formar sem, no entanto, amordaçar, tornando-se dotada da capacidade de trazer múltiplos olhares para a história do Cerrado e para as vidas dos que nele habitam. A obra poética, como um todo, e a “Pequena Odisseia”, em específico, “falam baixinho”, abrindo espaços para que os cerradeiros se coloquem em contato com o vivido. Convida-se, assim o leitor a adentrar em suas intimidades e, (assim,) por si só, construir seus mundos imaginários sobre a estrutura funcional do Cerrado brasileiro.

A *Íliada* descreve um fato histórico, revestido de um engalanado e maravilhoso estilo poético. Assim também o é na “Pequena Odisseia” de Sereno, que imprime nos poemas as verdades vividas pelos povos do cerrado.

Em suma, se a *Íliada* é a epopeia da guerra em que se exalta a afirmação dos valores individuais dos heróis, através de personagens profundamente humanos, refletindo os esforços do coletivo do povo grego no que se refere às suas conquistas territoriais, o que podemos ver na epopeia de Sereno, é que a obra Grega está mais presente do que nunca no imaginário construtor do povo cerradeiro. Observamos, assim, que a epopeia de Sereno, representa, no Cerrado, as lutas dos povos e de toda a natureza, na eterna busca pela superação humana e pela conservação e preservação do bioma e dos costumes de seu povo. Demonstra-se, portanto, que

construir a humanidade é o papel de todo pensamento humano, expresso através dos mitos poéticos construtivos. Dessa forma, a partir da análise ecocrítica de *Lirismo Rural*, torna-se possível aproximar o homem de si mesmo e da natureza, no sentido de preservar as vidas e as histórias do bioma Cerrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no aqui exposto, sentimo-nos induzidos a enunciar uma série de considerações. Porém, alertamos para o fato de que não são conclusões, pois a análise ecocrítica de uma obra de arte como o *Lirismo Rural*, de GTM, nunca estará concluída.

O que propomos aqui é apenas um olhar crítico sobre a obra. Entretanto, mais do que isso, acrescentamos a eterna busca da literatura crítica das obras poéticas, a necessidade de construção do mito poético, aqui entendido e abordado como o agente construtor do imaginário da humanidade, sendo, portanto, um corpo teórico coeso, podendo ser utilizado como “ferramenta” primária para o entendimento, a construção e a reconstrução do imaginário coletivo e a importância desse para construção dos mundos vividos individualmente e coletivamente nas sociedades.

Para o sucesso dessa empreitada, tornou-se fundamental a abordagem da análise ecocrítica, pois a mesma muda o foco das análises do homocentrismo para o ecocentrismo, o que não significa deixar de perceber o poeta na obra, expressando somente a necessidade de eternizar a obra, fixando-a aos mitos construtores do objeto por ela representado. Nesse sentido, a crítica literária deixa de ser um “devaneio acadêmico” ou apenas elucubrações individuais, passando a ser a mais poderosa “ferramenta” da construção humana, de ligação entre as realidades vivenciadas no dia a dia e o imaginário vivido intelectualmente.

É nesse contexto que apresentamos a riqueza poética da obra *Lirismo Rural*, de Gilberto Mendonça Teles, no intuito de expressar os mitos poéticos que o povo cerradoeiro utiliza para desvendar, ensinar e aprender sobre o funcionamento ecológico-evolutivo e sociocultural do Cerrado. Dessa forma, a obra é eternizada na realidade do Cerrado e esse é imortalizado nos mitos poéticos construtores do imaginário coletivo presente na obra. Nesse sentido, Sereno simboliza o ápice do mito poético, o ente criador da convivência entre a humanidade e a natureza representada pelo bioma Cerrado na obra do autor, o que permite e maximiza o convívio dos seres humanos entre si, consigo mesmo e com a natureza.

Dessa forma, a obra poética *Lirismo Rural* abre portas e janelas para auxiliar no entendimento, em sua concretude e contradições, dos processos ecológicos-evolutivos e socioculturais que constroem, destroem e reconstróem o Cerrado brasileiro, o que o torna fundamental no processo de construção humana para conservar e preservar esse bioma.

Por fim, mas não menos importante, diante da carência de estudos ecocríticos do fazer e do ver poético, esperamos que nosso trabalho possa ser lido e aproveitado por outras pessoas

que futuramente queiram engajar-se nos estudos desta natureza. Esperamos, também, ainda que, modestamente, ter contribuído para os estudos ecocríticos das obras poéticas e, com isso, atestar e reforçar a valorização da poesia cerradeira que, ao nosso ver, é, dentre todas, a joia mais preciosa do Brasil Central. Vale ressaltar, ainda, que esta produção não está fim, pois há o anseio da continuidade e da persistência no perscrutar os caminhos dos estudos linguísticos e literários deste gênero e, em especial, em sua modalidade ecocrítica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. P; RIBEIRO, J. F. *Ecologia e flora*. Brasília: EMBRAPA, 2008. v. 1, p. 152-212.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os pensadores).
- _____. *A poética Clássica/ Aristóteles, Horácio, Longino*. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruma. São Paulo: Cultrix: 1997.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978a. (Col. Os Pensadores).
- _____. *O novo espírito científico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978b. (Col. Os Pensadores).
- _____. *O materialismo racional*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- _____. *A poética do devaneio*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BARREIRA, C.C.M. A; CHAVEIRO, Eguimar F. *Cartografia de um pensamento de Cerrado*, In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. *Cerrados: perspectivas e olhares*. Goiânia: Vieira, 2010.
- BARRY, Peter. “Ecocriticism”. In: *Beginning Theory: An Introduction to Literary and Cultural Theory*. 3^a ed. Manchester: Manchester UP, 2009.
- BORGES, B, G. *Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960*. Goiânia: UFG, 2000.
- BRYSON, J. Scott. *Ecopoetry – A critical introduction*. Utah: The Univ. of Utah Press, 2002.
- BUELL, Lawrence. *The Environmental Imagination: Thoreau, Nature Writing, and the Formation of American Culture*. Cambridge, MA and London, England: Harvard University Press, 1995.
- _____. *Writing for an Endangered World: Literature, Culture, and Environment in the U.S. and Beyond*. Cambridge, MA and London, England: The Belknap Press of Harvard University Press, 2001.
- CASTILHO, Denis; CHAVEIRO, Eguimar F. Por uma análise territorial do Cerrado. In: PELÁ, Marcia; CASTILHO, Denis. *Cerrados perspectivas e olhares*. Goiânia; Vieira, 2010.

- CHAUL, N.F. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. 3. ed. Goiânia: UFG, 2010.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. O Cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M.G; CHAVEIRO, E.F; BRAGA, H.C. (orgs). *Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares*. Goiânia: Vieira, 2008.
- COHEN, Jean. *A plenitude da linguagem (teoria da poeticidade)*. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- _____. *Estrutura da linguagem poética*. Trad. Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Editora Cultrix, 1966.
- COUPE, Lawrence, ed., *The Green Studies Reader: From Romanticism to Ecocriticism*. London: Routledge, 2000.
- CULLER, Jonathan. O que é literatura e tem ela importância? In: qual é o autor??? *Teoria Literária: Uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.
- DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies, no meio da seleção natural ou a luta pela existência na natureza*. 1 vol. Trad. Mesquita Paul. Local, editora, data???
- DUBOIS, Jacques et. al. *Retórica da Poesia*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980.
- DUFRENNE, Mikel. *O poético: Local???* Perspectiva, 1981.
- D'ÓFRIO, Salvatore. "Conceito do poético". *Teoria do texto 1*. São Paulo: Ática, 1992. p. 9-32.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.
- _____. *A imaginação simbólica*. Lisboa: [s.n], 1995.
- _____. *Mito, símbolo e mitologia*. Lisboa: Presença, 1982a. DURAND, Gilbert. *Mito e sociedade*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1983.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Trad. Manuela Torres. Rio de Janeiro: Edições 70, s/d.
- _____. *Mito e Realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- _____. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ENGELHARDT, James, "The language habitat: na Ecopoetry manifesto" in <http://www.octopusmagazine.com/issue09/engelhardt.htm>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

- FIDENCIO Dalton. *Visão poética*. Disponível em <https://entrementes.com.br/2017/10/visao-poetica/>. Acesso em 30 de outubro de 2018.
- FERREIRA SANTOS, Marcos. *Crepusculario: Conferências sobre Mitohermenêutica e Educação em Euskadi*. São Paulo: Zouk, 2ª Edição. 2005.
- GARRARD, Greg. *Ecocriticism*. New York: Routledge, 2004.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold (Eds). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens and London. University of Georgia, 1996.
- GOMIDES, Camilo. *Putting a New Definition of Ecocriticism to the Test: The Case of The Burning Season, a film (mal)Adaptation*. In: ISLE 13.1 (2006): 13-23, Oxford University Press.
- HEISE, Ursula K. Greening English: Recent Introductions to Ecocriticism. In: *Contemporary Literature* 47.2 (2006): 289–298. Oxford University Press
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Mapa dos Biomas do Brasil*. Diretoria de Geociências, 2004.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s/d.].
- _____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Dora Ferreira da Silva, Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. *Psicologia e poesia*. In: *O espírito na arte e na ciência*. Trad. Dora Ferreira da Silva, Ruben Siqueira Bianchi. Petrópolis: Vozes, 1991.
- _____. *Aion – estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KROEBER, Karl. *Ecological Literary Criticism: Romantic Imagining and the Biology of Mind*. New York: Columbia UP, 1994.
- KUBLER-ROSS E. *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Martins Fontes; 1985.
- LANGER, Susanne K. *Sentimento e Forma*. Trad. Ana M. Goldberger Coelho e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- LEFEBVE. *Estrutura do Discurso da Poesia e da Narrativa*. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- LEGROS, Patrick et al. *Sociologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978. 479 p.

- LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *O signo de Eros na poesia de GMT*. Goiânia: Kelps, 2005.
- _____. *Três líricas performativas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.
- _____. *O discurso do rio em João Cabral*. Salmana: Lusoedições, 2016.
- _____. *Sociologia Goiana: o sentido da arte de a (r) mar o poema*. Guará: Linguagem e Literatura, v. 3, 2013. p. 79-89.
- MACIEL, M. E. *Pensar/escrever o animal: Ensaio de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. *O conhecimento comum: compêndio de sociologia compreensiva*. São Paulo: Brasiliense S.A., 1988.
- _____. *O imaginário é uma realidade*. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n.15, ago. 2001. p. 74-81.
- _____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *A sombra de Dioniso: contribuição a uma sociologia da orgia*. São Paulo: Zouk, 1991.
- _____. *A Conquista do presente*. Natal: Argos, 2001a.
- _____. *A Violência totalitária*. Porto Alegre: Sulina, 2001b.
- _____. *A Parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. *Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- MARX, Leo. *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- McKUSICK, James C. *Green Writing: Romanticism and Ecology*. New York: St. Martin's, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Tópicos)
- MOORE, Bryan L. *Ecology and Literature: Ecocentric Personification from Antiquity to the Twenty-first Century*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.
- NEVES, Luiz Felipe Baêta. Prefácio à edição brasileira. In: MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. VII-XIX.
- NICOLA BOILEAU – Despréaux. *A arte poética*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- OLIVEIRA PS, MARQUIS RJ, (Orgs.) *The Cerrados of Brazil: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna*. New York: Columbia University Press, 2002. 424 p.

- ORTIZ-OZÉAS, Andrés, *Sensus (razón afectiva)* – por uma Simbologia Latina. *Anthropos Venezuela*, año XVI, 2, 31:03 – 16. 1995.
- PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. Olga Saravary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p.368.
- _____. “Verso e prosa”; “Imagem”. “Signo em rotação”. In: *Signos em Rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976. 11- 62 p.
- PITTA, Danielle Perin Rocha. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.
- PHILLIPS, Dana. *The Truth of Ecology: Nature, Culture, and Literature in America*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- POUD, Ezra. *A Arte da Poesia*. Ensaios Escolhidos por Ezra Poud. Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 21- 96.
- RIBEIRO, J. F; WALTER, B. M. T. *As principais fitofisionomias do Bioma Cerrado*. In.: SANO, S. M; Completar a referência
- RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 2000. 500 p.
- RIGONATO, Valney Dias. *As representações sociais dos cerrados: um estudo de caso no colégio Alexandre Leal Costa, no oeste da Bahia*. *Boletim Goiano de Geografia, Goiânia*, v 33, n. 2, 2013. p 81-100.
- Rizzini CT *Tratado de fitogeografia do Brasil*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultura, 1997. 747 p.
- ROJAS PÉREZ, Walter. *La ecocrítica hoy*. San José, Costa Rica: Aire Moderno, 2004.
- RUECKERT, William. *Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism*. *Iowa Review* 9.1. 1978. 71-86.
- SATRE, Jean_Paul. *O Imaginário. Psicologia Fenomenológica da Imaginação*. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática,1996.
- SELVAMONY, Nirmal, Nirmaldasan & RAYSON K. Alex. *Essays in Ecocriticism*. Delhi: Sarup and Sons and OSLE-India, 2008.
- SHIKI, Shiego. Sistema Agroalimentar no Cerrado Brasileiro: caminhando para o caos? In: ORTEGA, Antonio C; SILVA, Jose G.; SHIKI, Shiego (org.). *Agricultura, meio ambiente e sustentabilidade do Cerrado brasileiro*. Uberlândia: UFU, 1997. p.9t135-166.
- SILVA, Domingos Carvalho da. *Uma teoria do poema*. Civilização Brasileira, 1989 [1986].
- SILVA, Juremir Machado. *O imaginário é uma realidade?* *Revista FAMECOS*. Porto Alegre - no 15, ago. 2001. p.74-82.

- _____. *As Tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SILVA, Clarinda A. da.S. *Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do Cerrado*. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org). *Tantos Cerrados*: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural. Goiânia: Vieira, 2005.
- SLOVIC, Scott. *Seeking Awareness in American Nature Writing*: Henry Thoreau, Annie Dillard, Edward Abbey, Wendell Berry, Barry Lopez. Salt Lake City, UT: University of Utah Press, 1992.
- STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,
- TELES, Gilberto Mendonça. *Lirismo Rural – O sereno do Cerrado*. Rio de Janeiro, Betel. 2017.
- _____. *A escrituração da escrita*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- _____. *Contramargem*. São Paulo: PUC-Rio / Loyola, 2003.
- _____. *Contramargem – II*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2009.
- _____. *A Retórica do silêncio*. São Paulo: Cultrix, 1989.
- _____. *O Terra A Terra da Linguagem*. Goiânia: Kelps, 2017.
- _____. *Defesa da poesia*. Edições do Senado. Brasília, 2017.
- VÁZQUEZ, Bélen López. *Publicidad emocional*: estrategias creativas. Madrid: ESIC, 2007.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos Históricos*, v.1, n.2. Rio de Janeiro, 1988. p.239-263.
- WALTER, H. *Vegetação e Zonas Climáticas*. São Paulo, E.P.U. Ltda. 1986.
- VIEIRA, Suzana da Rocha. *A educação ambiental e o currículo escolar*. Revista Espaço Acadêmico. Ano VII, no 83, abril, 2008.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O imaginário*. São Paulo: Loyola, 2007.
- ZAPF, Hubert. “Literary Ecology and the Ethics of Texts.” in *New Literary History* 39.4 (2008): 847-868.

ANEXOS I. O autor de *Lirismo Rural* e as representações Fitofisionômicas do Cerrado brasileiro

FIGURA 2. O Poeta Gilberto Mendonça Teles e “Crítica Literária” Iracema Maria da Trindade Hidasi



FIGURA 3. Cerrado Típico (Sentido Restrito) caracteriza-se pela presença de árvores baixas, inclinadas, tortuosas, casca grossa, com ramificações irregulares e retorcidas e, geralmente, com evidências de queimadas.



FIGURA 4. Campo Sujo é um tipo fisionômico exclusivamente herbáceo arbustivo, com arbustos e subarbustos esparsos cujas plantas, muitas vezes, são constituídas por indivíduos menos desenvolvidos das espécies arbóreas do Cerrado no sentido restrito.



FIGURA 5. Cerradão é uma formação florestal com aspectos xeromórficos (resistência à seca), tendo sido conhecido pelo nome "Floresta Xeromorfa", tipificado como sendo "uma mata mais rala e fraca"



FIGURA 6. Cerrado Rupestre é um subtipo de vegetação arbóreo-arbustiva que ocorre em ambientes rupestres litólicos ou rochosos (áreas de afloramento de rochas).



FIGURA 7. Vereda é a fitofisionomia com a palmeira do Buriti (*Mauritia flexuosa*) emergente, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas. As Veredas são circundadas por Campo Limpo, geralmente úmido, e os buritis não formam dossel como ocorre no Buritizal.



FIGURA 8. Mata Riparia pode ser subdividida em: Mata Ciliar, definida como a vegetação florestal que acompanha os rios de médio e grande porte na região do Cerrado, em que a vegetação arbórea não forma galerias. Por Mata de Galeria entende-se a vegetação florestal que acompanha os rios de pequeno porte e córregos dos planaltos do Brasil Central, formando corredores fechados (galerias) sobre o curso de água.



FIGURA 9. Cerrado de Mata Seca são formações florestais caracterizadas por diversos níveis de caducifolia (queda de folhas) durante a estação seca, dependentes das condições químicas, físicas e, principalmente, da profundidade do solo.



ANEXO II. A “Pequena Odisseia”, em *Lirismo Rural*, é a representação bibliográfica do Sereno do Cerrado.

PEQUENA ODISSEIA

Ἄνδρα μοι ἔννεπε, Μοῦσα,
[*Odisseia*, I,1]

I

Guardo na minha biblioteca a desconhecida *Pequena Ilíada* que, parece, está inspirando esta *Pequena Odisseia*, vivida por Sereno, em 1956, na região Leste / Nordeste de Goiás.

Do hexâmetro de Homero ao jâmbico de Arquíloco é como se viajasse a pé do séc. IX ao VIII a.C., (do heroico ao lírico arcaico) e fosse incorporando a transformação dos temas políticos e satíricos, ao mesmo tempo que assistisse à dessacralização de heróis e deuses, na direção dos tempos modernos e do mais circunstancial da vida humana.

Valho-me agora de uma narrativa em sete partes: escolhi mais ou menos a forma visual do verso e espargi por ela algo de fictício e pretensamente maravilhoso, para dar ideia de clássico e de que tudo isto tem lá a sua parte poética, mesmo na imitação do jeito de Mário de Andrade, no seu precioso “Prefácio Interessantíssimo”, que muito professor apressado vê como poema...

II

O Inspetor do IBGE¹ o chamou ao gabinete:
-- Precisamos mandar alguém a São Domingos, a agência de lá anda com problemas.
Pensamos em você. Vai-se de avião.

Sereno era também professor do Liceu
e já havia terminado seu curso de Direito.
Aceitou. Pediu licença ao colégio. E se foi.

O avião da Cruzeiro do Sul desceu em Brasília
e daí, cinquenta minutos depois, sobrevoava
a cidade com seu rio e seu Moleque
na fronteira da Bahia.

III

O Agente de Estatística de São Domingos²
estava à sua espera no campo de pouso.
O avião subiu e se despediu de vez
daquela rota, que acabava de ser extinta:
Sereno teria de voltar por outros meios.

Contente com a viagem, tratou de conhecer
a cidade: foi à pensão, pediu um quarto
para uma semana, viu o preço, soube o nome
da proprietária – D. Senhora – e foi visitar
a Agência de Estatística. No mesmo dia
resolveu tudo. Já estava livre para voltar.

Mas a volta dependia agora de um teco-teco
que aparecesse por lá e se dispusesse
a lhe dar carona.

Assim, foi-se distraindo
na acolhedora cidade de São Domingos:
visitou o Pe. Geraldo, entendido em dicionário antigo
e lhe ofereceu o seu primeiro livro de poemas;
encontrou-se com o advogado José Honorato Pinheiro,
que o apresentou a algumas senhoritas da cidade.
Uma delas organizou um passeio ao morro do Moleque:
Sereno subiu o mais alto que pôde, contemplando
admirado aquela nova beleza do cerrado.

Foi à festa de São João em Galheiros

² Edson Pinheiro.

e entendeu o sentido da voz que clama no cerrado.
Bebeu, dançou e, à noite, sem que o sentisse,
molhou a cama da pensão. Tentou secar
o lençol com a lâmpada, que o amarelou ainda mais.
O jeito foi procurar a proprietária e, acanhado,
pedir-lhe desculpas e dizer que pagava
qualquer estrago.
Na hora do almoço,
encontrou a cama limpa e bem arrumada.
Foi então à sala para agradecer e aproveitou
para perguntar se não havia alguma hortaliça,
algum tomate para servir de mistura
com a carne de sol, único prato das refeições.
Ela podia cobrar mais caro por isso.

Mais tarde ela o procurou no quarto
(ele estava sempre a ler / escrever)
e disse que havia, sim, mas era preciso
que ele fizesse a refeição em outro horário.
-- Não há problema, aceitou logo a sugestão.

E assim a semana passou rápida e bem agradável,
mas nada de teco-teco, até que lhe disseram
que a única maneira de voltar a Goiânia
era a de ir a cavalo até Posse e de lá pegar
algum transporte para Sítio d'Abadia,
onde tomaria um monomotor para Formosa,
perto de Brasília e está a 200 km de Goiânia.

O Agente tratou de tudo: os três cavalos
(um para si, outro para Sereno e o terceiro
para o ajudante que cuidava das malas);
traçou o roteiro até a cidade de Posse, distante
cerca de vinte léguas; preparou o farnel
(a matula), a água, e pôs na garupa de Sereno
uma lata com o frango recheado -- agrado
de D. Senhora, bela viúva de vinte e poucos anos.

Viajou-se o dia inteiro, parando um pouco
na fabulosa Terra Ronca no vale do Paranã.

Visitou curioso uma das cavernas
 e percebeu a magia mítica da região.
 Foi aí que seu cavalo tordilho empacou
 e só saiu à custa de relhos e esporas
 e, parece, por causa do efeito mágico
 de suas patas na terra que ficava fosforescente
 quando alguém dizia qualquer coisa.

Viajou-se a tarde inteira, detendo-se
 para o almoço num ribeirão de águas claras;
 até que chegaram ao local do pouso
 (uma fazenda próxima ao rio São Mateus),
 onde Sereno se regalou com seu frango recheado.

À noite, dois imprevistos: alguém gemia muito alto
 com dor de dente; e o frango recheado sofreu
 o efeito do sol quente na garupa: espantou-se,
 e começou a bater asas – numa terrível dor de barriga
 que não deixou Sereno dormir, apesar do cansaço.

IV

No outro dia, bem cedo cavalgaram em direção a Posse
 cidade maior, onde viviam Péricles Moura,
 seu ex-aluno do Liceu e o novo poeta Emílio Vieira.
 Fez-se o contato com o Agente de Estatística³,
 que o convidou a uma palestra na Escola Normal.
 O curioso é que muita gente, vendo que Sereno
 andava alquebrado, perguntavam-lhe candidamente:
 -- O senhor veio a cavalo? Percebia assim
 que o cavalo ainda trotava no seu corpo,
 ao mesmo tempo que seu espírito se alava na viagem.

Foi aí que teve a notícia da chegada
 de um caminhão que ia até Sítio d'Abadia;
 procurou o motorista, pagou mais caro

³ Ostílio Maia de Paula, graças à lembrança de Péricles Moura. Emílio Vieira é o primeiro escritor goiano a ler (hoje) os originais de seu *Lirismo rural*, que termina com esta “Pequena Odisseia”.

⁴ Versos de Maria do Rosário.

para ter uma vaga na boleia e, às 3.30 da manhã,
lá estava à espera da partida que retardou
por causa da mulher que passava mal
e a quem Sereno cedeu o lugar e viajou
meio contrariado na carroceria.

V

Quando amanheceu e saiu debaixo da lona,
conheceu a beleza da chapada, como se o tordilho
houvesse batido a sua ferradura na paisagem,
fazendo surgir a *“flor vermelha do cerrado,
de onde as borboletas amarelas tentavam
tirar seu mel, doidas de medo de que
ela murchasse e levasse a saudade
da campina e do tempo que Sereno a percorria”*⁴.

Ali estava o divisor das águas que se repartem:
um filete vai-se movimentando para Leste
na direção do São Francisco; outro, uma aguinha de nada,
começa a tomar corpo e a se esgueirar para a bacia
do Paranã, ao Norte; e, do outro lado da lagoa natural,
um fiozinho murmurejante vai engrossar as águas
do Paranaíba, ao Sul.

Sereno percebeu que a viagem
na carroceria teve o seu momento de encanto:
havia conhecido ali a moreninha que lhe inspirou
o poema “Dístico”, que ele guardava de memória.⁵

A viagem durou 170 km de terra. Sítio d’Abadia
cujo Agente⁵ enfrentava um problema de saúde
é o município da trijunção de limites dos estados
de Goiás, Bahia e Minas Gerais.

Houve ali agradáveis surpresas:
dois rapazes o procuraram -- tinham visto o seu nome
num jornal de Goiânia e logo o convidaram

⁵ Publicado no fim de *Fábula de fogo* (1960), com ilustração de Frei Confaloni.

⁶ João Gonçalves Lima.

a sair à noite e participar de uma galinhada,
mas com um, porém: as galinhas tinham de ser roubadas.
Disse que sim, meio sem jeito. Na hora marcada
estava no lugar combinado: eles pularam o muro,
menos Sereno que ficou do lado de fora
para dar sinal de alarme. Ninguém apareceu
a não ser um cachorro que não parava o seu latim.
Nunca tinha tido uma experiência dessa
e ainda se lembra emocionado da aventura.

Houve também um belo passeio ao rio Corrente,
o divertimento noturno de passar anelzinho,
a brincadeira de se encontrar na escuridão
e, ainda, a visita de Tilde, a da viagem:
desejava cópia do poema que Sereno lhe recitou
de madrugada, debaixo da lona do caminhão.
Trouxe um lencinho bordado com o nome dele,
o que fez seu coração bater em louca disparada.

Na manhã seguinte visitou o Agente⁶ da cidade,
o qual tinha sofrido um AVC. Dizia-se que,
depois de comer muita carne de porco,
foi fazer amor e baralhou a linguagem:
queria falar “sapato”, escrevia “sapato”
mas pronunciava “tornozelo”.

Durante quatro dias, diariamente, ia ao campo
de pouso ver se avistava um teco-teco.
Até que um dia soube que ia descer um.
Despediu-se da pensão, pegou a mala e foi
para o campo esperar.
Era um voo direto para Formosa,
distante 210 km, e só dispunha de um lugar,
ao lado do piloto. Acertou o preço e, quando
o avião começou a taxiar, apareceu um homem
carregando com dificuldade uma menina doente:
o jeito foi o pai viajar agachado e a menina

no colo de Sereno, enquanto este, pelo seu medo de avião, foi “escolhendo” lá de cima o lugar para um pouso de emergência...

VI

Enfim, Formosa. Sereno foi logo à Agência de Estatística (precisava de dinheiro); enviou notícia aos pais; depois procurou um hotel: tomou banho, trocou de roupa e, de tardezinha, foi ao hospital: A menina de nove anos tinha acabado de falecer de pneumonia. Ele então se lembrou de que durante o voo ela deu alguns arrancos, como se fossem os termos, os estertores de quem está se despedindo...

VII

No dia seguinte chegou a Goiânia. O Inspetor o convida a ocupar um cargo superior. Aceita e, juntamente com a lembrança do acontecido (como se fora um sonho que continuasse), despediu-se, saiu de cena e cabisbaixo entrou pela famosa caverna de Platão.

Ali, à medida que o seu tordilho relinchava e batia festivo os cascos no chão, Sereno filosofava e, taciturno, curti a inútil e bela fosforescência das palavras.

Rio, 26 de janeiro de 2017

[Rio, 18.3. 2017]